

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ALESSANDRA MOURA DE OLIVEIRA E SILVA

**BULLYING NA ESCOLA: ABORDAGEM E UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
NOS ANOS INICIAS**

JAGUARÃO

2016

ALESSANDRA MOURA DE OLIVEIRA E SILVA

**BULLYING NA ESCOLA: ABORDAGEM E UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
NOS ANOS INICIAIS**

Projeto de Intervenção apresentado ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

JAGUARÃO

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S586b Silva, Alessandra Moura de Oliveira
Bullying na escola: abordagem e uma proposta de intervenção
nos anos iniciais / Alessandra Moura de Oliveira Silva.
90 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2016.

"Orientação: Lúcio Jorge Hammes".

1. Bullying. 2. Atividades lúdicas. 3. Teatro. 4.
Intervenção. I. Título.

ALESSANDRA MOURA DE OLIVEIRA E SILVA

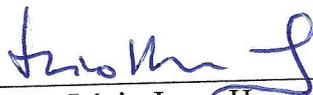
**BULLYING NA ESCOLA: ABORDAGEM E UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NOS ANOS INICIAIS**

Relatório Crítico - Reflexivo apresentado
ao Programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em Educação da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de Mestre em
Educação.

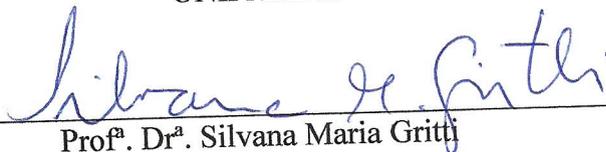
Área de Concentração: Educação

Relatório Crítico – Reflexivo defendido e aprovado em: 27/08/2016.

Banca examinadora:



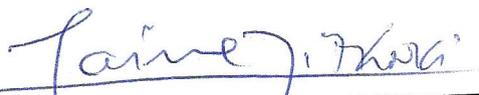
Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes
Presidente
UNIPAMPA



Prof.ª Dr.ª Silvana Maria Gritti
UNIPAMPA



Prof. Dr. Bento Selau
UNIPAMPA



Prof. Dr. Jaime José Zitkoski
UFRGS

Dedico este Relatório ao meu marido e mãe, por suportar minha ausência e cuidarem tão bem dos meus filhos sem nada reclamarem. A todos os professores que oportunamente conheci e participei das aulas, pois tiveram importantes contribuições na minha motivação e persistência em relação ao mestrado. Cito, especialmente, o professor Lúcio Jorge Hammes pela paciência e suporte.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

À minha família pelo amor incondicional, que superou as ausências e me deu suporte.

Ao professor Lúcio Jorge Hammes pelo crédito, pela confiança de me escolher como orientanda, pela paciência e apoio.

Aos professores doutores Bento Selau, Patrícia Moura Pinho, Jaime José Zitkoski por terem aceitado meu convite, afim de comporem a banca para a qualificação do meu projeto de pesquisa e à professora Silvana Maria Gritti por compor a banca da defesa final do meu projeto.

A todos os professores do mestrado profissional de educação da Unipampa, que diretamente, através das disciplinas, me ajudaram nesta caminhada acadêmica.

Ao meu amigo Carlos Humberto pelo carinho e fraterna amizade, pelos momentos de acolhida e alegria que tivemos.

Às minhas amigas Adriana e Joice por serem companheiras, por estarmos juntas nos momentos de dificuldades e de alegrias.

A todos os colegas do mestrado, pela oportunidade de estar junto, de aprender, somar, compartilhar.

À equipe diretiva e professoras muito solidárias e ótimas colegas, da Escola de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio, no Município de Bagé, Rio Grande do Sul, por terem ajudado, dado crédito e apoiado esse projeto de pesquisa.

“Não há possibilidade de pensarmos o amanhã, mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos em processo permanente de “imersão” do hoje, “molhados” do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face das injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente Relatório Crítico-Reflexivo é resultado do projeto de pesquisa e intervenção pedagógica sobre o bullying escolar desenvolvido com crianças da turma do quinto ano, anos iniciais, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio de Bagé, Rio Grande do Sul, cujo objetivo foi provocar o reconhecimento da nocividade da prática do bullying, numa abordagem que envolveu atividades lúdicas variadas como brincadeiras e a produção de um teatro de bonecos. Todas as atividades contaram com a participação dos alunos com a colaboração da professora regente da turma e de uma estagiária, desenvolvidas em doze encontros, sendo que a cada um havia uma proposta lúdica diferente. Teve por base os atos de violência dentro das escolas e que envolvem alunos dos anos iniciais à universidade, podendo acarretar consequências graves para os envolvidos. Os dados foram coletados, aproveitando o diário de campo. A pesquisa foi dividida em dois componentes, sendo o primeiro em método da intervenção que se configura a primeira parte, onde estão descritos cada encontro e o segundo em método da avaliação da intervenção onde estão descritos os instrumentos de coleta e análise de dados utilizados para capturar os efeitos da intervenção. Na busca pelos resultados notou-se o melhoramento das relações entre as crianças que participaram das atividades lúdicas, além do surgimento do convite pela equipe diretiva para que o projeto pudesse ser vinculado à escola e trabalhado para atender a especificidade de cada turma. Abrem-se questionamentos à cerca das ações do poder público na busca do combate ao bullying escolar e as dúvidas que permeiam essas ações para o não alastramento efetivo dessa forma de violência.

Palavras – chave: bullying, atividades lúdicas, teatro, intervenção.

ABSTRACT

This Critical-Reflexive Report is the outcome of a pedagogical intervention research Project on “bullying” in the school environment that has been applied on school children studying in

the fifth year, elementary school year, in the Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio in Bagé, Rio Grande do Sul, which main objective was to make them aware of the bullying real damage, by using several playful activities, such as creating a puppet theater. Every activity was done by students and the lead teacher and one intern. The activities were created during twelve meetings, and in each one there was a proposal for a different playful activity. It was based on the violence actions inside the school involving both elementary and college students, with the possibility of leading to severe consequences for the people involved. The data have been collected from the Field journal. The research was divided into two components, being the first one interventionist, in which every meeting is described. The second one is the evaluation of this intervention, in which the instruments used to collect and analyze all the data are described. In the evaluation of the results, the improvement on the relationship among the school children that participated of the playful activities have been pointed out. Also, the school management personnel showed a great interest to link this project to the school work and used to assist the characteristics of each group. Hence, questions about the actions taken by the public authorities on trying to battle against the school bullying as well as the questions about these actions is raised, so that such violence cannot be effective spread out.

Keywords: bullying, playful activities, theaters, intervention.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA	13
2.1 Consequências para os envolvidos em bullying.....	16
3. O LUGAR DA PESQUISA E INTERVENÇÃO.....	22
4. REFERENCIAL TEÓRICO	24
4.1 Bullying e suas características.....	24
4.2 Os envolvidos no bullying e seus respectivos comportamentos	26
4.2.1 A vítima: o alvo fácil do agressor	26
4.2.4 Os Espectadores	28
4.3 O lúdico como recurso na abordagem do bullying escolar	28
5.1 Objetivo Geral.....	34
5.2 Objetivos Específicos.....	34
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
6.2 Método de avaliação da intervenção	52
6.2.2 Análise dos dados.....	56
7 REPERCUSSÕES DA INTERVENÇÃO	64
8 AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO	66
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE	78

1.INTRODUÇÃO

A violência no cotidiano escolar não é algo recente e alguns estudos apontam para variados contextos violentos em diferentes épocas. Segundo Abramovay, Avancini e Oliveira (2002, p.30) os estudos sobre violência no meio escolar começam a partir do século XX, quando especialistas, ligados à educação, procuravam compreender os crescentes atos de violência e crimes que eram ações contra o patrimônio público, as depredações e as pichações, no fim do século XX o foco dos estudos passou para as agressões entre os alunos. No início do século XXI se questiona a ideia de que a origem da violência não é fator puramente externo a esse ambiente, ela perpassa a escola e atinge a comunidade.

Os atos de violência noticiados se multiplicam e acontecem também dentro das escolas envolvendo alunos dos anos iniciais à universidade. De acordo com Abramovay e Rua (2004) não é possível analisar a violência nas escolas sem refletir sobre a agressão física, os pequenos roubos, o vandalismo e o que os pesquisadores franceses consideram como “incivilidades”, isto é, ofensas verbais, grosserias diversas, empurrões, interpelações e humilhações, o que deixam claro as inúmeras formas pelas quais a violência se realiza como também são variados seus objetivos, alvos, instrumentos, vítimas e praticantes. Apesar de acontecimentos de violências serem constantes dentro do ambiente escolar, muitos profissionais da educação desconhecem ou são indiferentes ao problema (NETO, 2005).

O termo violência, segundo Arendt (1970, p. 28) é a mais flagrante manifestação de poder. Por essa perspectiva, a violência pode se manifestar de variadas formas e dentro do ambiente escolar dá-se o nome de bullying, sendo este o objeto desse projeto de intervenção pedagógica, numa escola pública no município de Bagé, Rio Grande do Sul.

Fante (2012) explica que bullying é uma palavra usada para definir a violência das relações interpessoais e que no ambiente escolar está ligada às ações de agressividade moral e/ou física entre os alunos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder e em situações extremas pode levar ao homicídio e/ou ao suicídio. Ainda conforme a autora a palavra *bully* (do inglês) é traduzida como “valentão”, “tirano”. Como verbo é “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar.”

Um estudo desenvolvido pela Universidade de Yale dos Estados Unidos analisou trinta e sete pesquisas mundiais que relacionam o bullying como uma das principais causas do suicídio de crianças e adolescentes, sendo considerada a 3ª maior causa de mortalidade no

mundo nesta faixa etária, atrás apenas dos acidentes de trânsito e homicídios, Gomes(2012). Estudos importantes também foram feitos e publicados no Brasil como, por exemplo, o da Abrapia, de 2002 a 2003, no Rio de Janeiro, através de questionário aplicado a 5.482 alunos da 5ª a 8ª séries, que contribuíram, naquela ocasião, para identificação e comprovação desse fenômeno tão preocupante nas relações entre pares na escola.

Dos relatos dos adultos às ações prováveis dos alunos, é possível notar que o bullying perpassou gerações, no entanto, não existia uma definição para o conflito, tampouco a preocupação para evitar este tipo de violência, assim, como os estudos sobre violência entre pares e os relatos dos adultos puderam contribuir para se pensar num trabalho de intervenção dentro da escola com crianças dos anos iniciais. Referir-se a qualquer tipo de violência, com seus fatores de risco, nas suas consequências, vale destacar o importante fator de intervenção preventiva. Matos e Spence (2008) colocam que uma intervenção preventiva eficaz requer não só que seja possível identificar os fatores de risco para formas particulares de psicopatologia, mas também que tenhamos métodos com garantia e validade, para identificar os indivíduos que os manifestam, e ainda que tenhamos meios eficazes de alterar a situação.

Os projetos de intervenção buscam prevenir violências e buscar uma boa convivência, para que se possam transformar cotidianos de risco em cotidianos protetores, estimulando melhor atmosfera nas escolas, a partir do hábito de diálogo e resolução de conflitos por meio de soluções apresentadas pelos próprios envolvidos (ABREMOVAY, CUNHA e CALAF, 2009, p.29).

O presente trabalho contou com a participação das crianças do quinto ano dos anos iniciais em atividades lúdicas variadas, que foram desde brincadeiras ao desafio da produção de um teatro de bonecos, com a contribuição dos alunos em todas as etapas. Trabalhar esse fenômeno, de forma lúdica, foi a oportunidade de provocar um olhar mais atento para as graves consequências da prática do bullying e que as lembranças da escola na infância não sejam transformados em relatos traumáticos inesquecíveis. Covey (1989, p.29) coloca que conforme prosseguimos em nosso crescimento e amadurecimento, com o tempo descobrimos que o ponto culminante de nossas vidas tem a ver com nosso relacionamento com os outros, pois a vida humana se caracteriza pela interdependência. Partindo do pressuposto de que a convivência entre pares é inevitável, as crianças desde pequenas precisam estar na escola, num ambiente que se difere do ambiente familiar e onde terá que conviver com situações de conflito no relacionamento com o outro, muitas das vezes sem a presença do adulto de sua confiança por perto.

A partir dos ensinamentos freudianos fica evidente, dentro da perspectiva do funcionamento psíquico, o fato de que é impossível pensar no sujeito em completa harmonia, sem ausência de conflitos, que até atingirmos o propósito final de nossa existência, estamos destinados a construir, com nossas peculiaridades, laços sociais que determinam a forma de nosso relacionamento afetivo com o mundo. . (ROSÁRIO, NETO e MOREIRA 2011, p.9).

Nesse contexto é possível perceber, dentro do ambiente escolar, conflitos com ações que vão desde as maledicências (fofocas) às agressões verbais e físicas. Graham-Bermann (1998)*apud* MOLDONADO e WILLIAMS, (2005, p. 354), relaciona a violência praticada por crianças com o impacto da violência contra a mulher no desenvolvimento social da criança, que os modelos de comportamentos aprendidos na primeira infância em interações com os outros são automaticamente usados em novas situações e que por meio dessa aprendizagem, a criança adiciona táticas de agressão, podendo aprender a manipular, persuadir, coagir e mostrar desde o início comportamentos antissociais, podendo ainda exibir tais comportamentos em interações sociais com seus pares, fora do lar. De algum modo um dos fatores capazes de promover novas ações e configurações para as relações dentro do ambiente escolar, promovendo valores construtivos, com ênfase na paz e na cooperação, é a reflexão acerca das crenças, dos valores e a motivação social das pessoas em interação. (MANZINI, 2013, p.16).

Corsaro *apud* Manzini(2013, p.17), ao estudar o desenvolvimento da criança sob a perspectiva da sociologia, mostra que socialização não significa adaptação e internalização de conhecimentos adultos por parte da criança. Para o autor, a socialização abrange aspectos inovadores e criativos da participação da criança na sociedade, ou seja, as crianças contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural, à medida que são também afetadas pelas sociedades e culturas a que pertencem. Ao se pensar na construção da moral e colocar situações de prevenção, partindo dessa construção a partir da tenra idade e de modo a levar essas crianças à capacidade de refletir sobre suas ações. Manzini (2013, p.27-29) assegura que o centro da questão não está em dar às crianças a solução para o conflito, mas promover entre elas o diálogo em prol da justiça e da solidariedade e que o conflito é transformado, pois, em bom conflito e as partes em oposição se enriquecem mutuamente com a construção de novas formas de pensamento e de organização do contexto e das emoções.

A ideia de um trabalho lúdico que traz no seu eixo central a violência entre pares buscou oportunizar o diálogo entre as crianças e a exposição de suas ideias a cerca do

bullying. Santin (2001, p.54) explica que a ludicidade é uma tessitura simbólica fecundada, gestada e gerada pela criatividade simbolizadora da imaginação de cada um, para o autor, brincar acima de tudo é exercer o poder criativo do imaginário humano, construindo um universo, do qual o criador ocupa o lugar central, através de simbologias originais e inspiradas no universo real de quem brinca. Juguero (2014, p. 30) coloca que no pensamento infantil, fantasia e realidade convivem harmoniosamente, pois é por meio da ludicidade que a criança encontra as bases para compreender o mundo. Em relação ao teatro tem-se a ideia de Silva (2010, p.16), porque para ele o papel do teatro na educação pode ser visto como um modo diferenciado de perceber o mundo e de extrair significados artísticos por meio de sua prática, que o cotidiano da escola pode se constituir naquilo que se quer assumir como espaço social, de forma que os sujeitos reinventam gestos e comportamentos como sendo uma forma de interagir com o que acontece à sua volta.

O trabalho teatral para crianças permite trabalhar com o mágico, com a fantasia, com o impossível e ali a ficção e realidade ocupam, mais que nunca, o mesmo plano. Chega-se à criança pelo sensível, muito mais que pela palavra; é o conjunto de estímulos que sensibilizam a criança e a preparam para receber o que o autor deseja dizer e interagir com o espetáculo, penetrando nele por brechas criadas pelo autor e pelo diretor que permitem a empatia, simpatia, o vivenciar sentimentos e emoções que estão no palco, permitindo, assim que o teatro cumpra a sua função. NAZARETH, 2000).

Para motivar o enfrentamento do bullying, foi proposta uma intervenção com o envolvimento das crianças em atividades lúdicas, cujo objetivo foi o de provocar nelas o reconhecimento da nocividade da prática do bullying, numa abordagem que envolveu atividades lúdicas variadas como brincadeiras e a produção de um teatro de bonecos. O relatório crítico-reflexivo foi dividido em dois componentes, sendo o primeiro em método da intervenção que se configura a primeira parte, onde estão descritos cada encontro e o segundo em método da avaliação da intervenção onde estão descritos os instrumentos de coleta e análise dos dados utilizados para capturar os efeitos da intervenção.

Os principais autores para o debate na constituição deste trabalho foram: Dan Olweus (1993), Cleo Fante (2012), Ana Beatriz Barbosa Silva (2010), Paulo Freire (1987,1996), Hanna Arendt (1969), Miriam Abremovay (2002, 2003, 2009), Silvino Santin (2001), autores dos cadernos de teatro de Maria Clara Machado (1965-1974), Augusto Boal (1982).

2. JUSTIFICATIVA

As relações de conflitos existentes e que envolvem alguns alunos da Escola Municipal de Educação Infantil Dr. João Thiago do Patrocínio estão ligadas também às agressões entre as crianças dos anos iniciais e se justifica neste trabalho de intervenção pelos conflitos acontecidos na turma do quinto ano. A escola não é omissa nos casos conflitantes, inclusive exige a presença dos responsáveis legais das crianças para resolverem juntos os conflitos. Já aconteceu de uma aluna da turma do referido quinto ano não mais querer frequentar as aulas, cujas razões se remeteram ao fato de ser constantemente provocada pelos colegas, no entanto, a equipe diretiva juntamente com a professora regente se reuniu com o pai da criança para resolver a situação, além da conversa com os colegas responsáveis pelos maus tratos.

Anteriormente à cidade de Bagé como professora de educação física eu já o era em Brasília, minha cidade natal, lá também ministrei aulas de Educação Física para adolescentes e adultos e foi no trabalho de conclusão de curso, na graduação, que comecei o real interesse pelo bullying. Ele surge, então, como foco do meu estudo (embora não tivesse o conhecimento do fenômeno naquele ano de 2006), imediatamente me identifiquei com o tema e descobri o nome do conflito que esteve presente em muitos momentos da minha vivência escolar, como espectadora das agressões que muitos colegas de turma sofriam constantemente. Ainda que as agressões lhes causassem sofrimentos, eu não tinha atitudes para defendê-los, era um sofrimento contido, por medo de represálias. Provavelmente, a vida me trouxe a oportunidade de estudar sobre o conflito e de contribuir para propagar os malefícios que o bullying pode causar aos seus envolvidos.

Nas análises dos questionários aplicados na pesquisa de campo da graduação, dois pedidos de socorro que vieram descritos, sendo um como observação me causaram perplexidade, no entanto fui covardemente omissa àqueles pedidos de clemência, pois egoistamente eu estava mais preocupada com a confecção e o término do trabalho, porém pude retratar minha consciência através do Mestrado Profissional em Educação pela Unipampa (Universidade Federal do Pampa), com o projeto voltado para a problemática do bullying escolar. Muito mais do que dois tristes pedidos de socorro outrora através de questionários, tenho vivenciado, ainda, em alguns momentos, com atitudes de espectadora, o sofrimento dos alunos, que se revela através do choro, da exclusão, por serem “diferentes” dos padrões impostos socialmente às pequenas vítimas, já nos anos iniciais. Diante desse contexto, me surgiu a ideia de uma proposta para a mudança nessas relações, de um olhar

mais humano entre pessoas, começando pelas crianças, com os alunos dos anos iniciais, Freire (1987) mesmo anunciou uma necessidade de transformação de situações desumanizantes em superações:

(...) uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. (FREIRE 1987. p. 31).

Dan Olweus (1993) afirma que o bullying é um fenômeno antigo e que muitos adultos têm experiências pessoais desse conflito nos tempos de escola. Portanto, a escolha do bullying para a realização desse trabalho faz parte de uma série de fatores que foram se somando ao longo da minha caminhada pela vida, tanto no ambiente escolar, com na convivência fora dele, tais como: conversas informais com colegas de profissão, amigos, familiares e crianças, agressões vivenciadas e vividas por eles na escola, que lhes causaram e/ou causam sofrimento; das lembranças do tempo de escola, como estudante, onde pude experimentar ser espectadora das agressões que alguns colegas sofreram; do contato com esse fenômeno numa pesquisa de campo para a confecção da minha monografia, Silva (2006) e devido às ações características do bullying que é possível se observar entre os alunos, seja no recreio ou nas aulas, desde os anos iniciais. Todavia, como mencionado anteriormente, uma turma do quinto ano dos anos iniciais foi o objeto desse estudo de caráter intervencionista.

O que dizer dos alunos agressores? Eles têm as atitudes parecidas com as dos agressores da minha época de escola, são cruéis: riem dos colegas, ridicularizam, amedrontam, ameaçam, fofocam, agredem fisicamente, impulsionados e apoiados, muitas das vezes, por alguns espectadores. Da minha infância lembro-me de quando eu tinha apenas nove anos de idade e estava brincando na rua com meus irmãos, primos e colegas, quando chegou um vizinho e pediu para brincar, imediatamente ele foi agredido a socos e ponta pé por um primo meu que o chamou de “negrinho safado” e que conosco não brincaria, a criança saiu chorando para casa, naquele instante eu não me contive e da mesma forma que meu colega foi agredido fisicamente eu fiz o mesmo com o meu primo, foi uma briga “feia” e que precisou dos outros colegas para nos separar, deixei avisado que nunca mais ele tivesse aquela atitude em relação ao meu colega. Por que da escolha do quinto ano para esse projeto de intervenção? Embora se consiga notar empiricamente e com propriedade a presença do bullying, ainda que de modo

mais sutil, em quase todas as turmas dos anos iniciais, a do quinto ano, em questão, tem algumas particularidades que me chamaram a atenção, mesmo porque tive a oportunidade de acompanhar a turma, ministrando aulas de educação física, do primeiro ao quarto ano, assim, posso afirmar que: a maioria dos alunos estão juntos desde a pré-escola; houve trocas constantes de professores em apenas um ano (entre os anos de 2013 e 2014), somente quando iniciaram no quarto ano chegou uma professora para assumir a turma e que permanece com eles também no quinto ano em 2016; duas alunas constantemente foram e ainda são vítimas de agressões e exclusão dos colegas; existe uma prevalência de atitudes racistas (“sua pretinha”, “sua suja”, “eu não quero você perto de mim”, “eca, deus me livre brincar com esse aí”, “horrorosa”...); palavrões (“ridículo”, “safada”, “filha de prostituta”,...); apelidos pejorativos entre praticamente todos da turma (“gordo”, “baleia”, “picorrucho”, “burro”,...), ou seja, eles não se respeitam; existem problemas de comportamento de alguns alunos no momento do recreio como: agressões, apelidos, exclusões, falta de respeito para com os cuidadores do recreio, os relatos estão registrados no livro ata da escola. Numa conversa informal com a supervisora da escola, com algumas professoras que lecionaram na turma, com a atual professora, todas, sem exceção, confirmaram a relação conflituosa entre os alunos e acharam devidamente necessária uma intervenção pedagógica.

A ideia da intervenção pedagógica se sustentou num trabalho com atividades lúdicas para a abordagem do bullying escolar e se justificou pela a importância que a criança dá às brincadeiras, ao lúdico. De acordo com Santin (2001, p.30) os dicionários definem lúdico como o que é relativo ao jogo. Para o autor a brincadeira seria a única maneira de a criança relacionar-se consigo mesma, com os outros e o meio ambiente, além de ultrapassar a aquisição de habilidades motoras, ela consegue ampliar as funções mais elevadas do cérebro, como a imaginação, a inteligência, a percepção e a memória.

Evidentemente seria muita pretensão ter apresentado às crianças que participaram desse projeto de intervenção a maneira ideal de gerenciarem o bullying, mesmo porque não existe, ainda, a fórmula definitiva para banir essa prática entre as relações, mas existem ideias e ações em construção que através desse trabalho pode ter sido o início de um processo a fim de provocar o reconhecimento da nocividade desse tipo de violência, abordado através de atividades lúdicas que envolveram brincadeiras e a construção de um teatro de bonecos. As reflexões das características desse conflito, ainda que num grupo não muito grande de alunos, foi “uma semente que deverá ser regada” ao longo do tempo para a obtenção de excelentes “frutos” e possivelmente pessoas psicologicamente mais saudáveis e felizes. Abaixo estão

relacionados alguns casos de bullying, que também justificam a relevância da urgência em abordar as graves consequências desse tipo de violência dentro e fora das escolas.

2.1 Consequências para os envolvidos em bullying

As histórias de Bullying que terminaram em morte não foram casos isolados, nem tão pouco raros. Os estudos de Dan Olweus (1993) provaram que esse fenômeno causa vítimas há tempos, pois ele intensificou os estudos sobre o fenômeno (como mencionado acima) após o suicídio de três crianças entre dez e quatorze anos no norte da Noruega, em 1982, motivado pelos maus tratos que elas sofriam pelos colegas na escola onde estudavam. Serão citados exemplos extremos das atitudes reconhecidas por terem sido resultados da prática de bullying:

Caso 1 Amanda Todd¹

“Eu sei que errei, mas por que eles continuam me perseguindo? [...] Todos os dias eu me pergunto: por que ainda estou aqui?” (Amanda Todd)



Os meios de comunicação constantemente divulgam fatos trágicos que envolvem o bullying. Uma dessas histórias é a de Amanda Todd, adolescente canadense de quinze anos

¹Amanda Todd: uma adolescente canadense que se suicidou, após sofrer Bullying. O caso foi muito divulgado pela imprensa internacional. Dados disponíveis em: <<http://todateen.uol.com.br/souassimtt/entenda-o-caso-de-amanda-todd-a-adolescente-que-cometeu-suicidio-por-sofrer-bullying>>. Acesso em out. 2016.

que cometeu suicídio após sofrer perseguição dos colegas da escola. O caso aconteceu quando, com apenas doze anos de idade, foi induzida por colegas a mostrar partes do seu corpo na sala de bate papo (chat). Após um ano ela começou a receber ameaças de um dos rapazes que estava no chat que divulgou fotos íntimas da garota. Ela adoeceu, sofria com ansiedade, depressão e pânico. Passou a usar drogas e álcool. Após um ano o agressor de Amanda criou uma página no facebook, tendo como foto do perfil os seios dela.

Apesar dos acontecimentos, a garota começou a namorar um rapaz que escondeu ser comprometido. Amanda foi agredida em frente à escola pela suposta namorada do rapaz e outras quinze meninas. Esse episódio foi o limite do seu sofrimento, no mesmo dia ela voltou para casa e tentou se matar tomando alvejante. Recuperada fisicamente do episódio, passou a receber mensagens de ódio como: *“Ela merece! Espero que ela morra!”*. Ela se automutilou, teve uma overdose, passou três dias no hospital, se recuperou, porém em outubro de 2012 foi encontrada enforcada em sua casa.

Num vídeo-depoimento que produziu para contar sua história, Amanda revela que chorava a noite toda, havia perdido todos os seus amigos e o respeito deles. Dizia estar sozinha e deixada no chão, sofria com os xingamentos, os julgamentos e mais ainda por não poder excluir as fotos da internet. O caso de Amanda Todd foi muito divulgado pelas mídias internacionais. Em 19 de outubro de 2012, muitas pessoas fizeram vigílias no Canadá e em outros países para lembrar a jovem e outras vítimas de bullying.

De acordo com Fante (2012, p.46) pesquisas publicadas no jornal espanhol El País, um a cada quatro estudantes britânicos, do primário, disse ter sofrido maus-tratos por outros colegas na própria escola. Ainda de acordo com o jornal, em 1997 os maus-tratos físicos e psíquicos foram citados como a principal causa do suicídio de 766 entre crianças e adolescentes na Grã - Bretanha.

Caso 2– Matheus Dalvit²

No Brasil outro caso de bullying resultou no assassinato, em 2010, do adolescente Matheus Dalvit, de quinze anos, morto com um tiro no peito quando descia do ônibus na vila

²*Matheus Dalvit: o estudante brasileiro que foi assassinado por tentar se defender dos seus agressores.*
Fonte: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia/2010/05/chacota-resulta-em-morte-de-adolescente-2902391.html>. (GAVA, 2010)

onde morava, em Porto Alegre. O atirador, um adolescente de quatorze anos, afirmou ser amigo dos agressores de Matheus que era constantemente vítima de humilhações, porém no ano de 2010 resolveu usar seu tamanho e força para se defender das agressões, esse foi o motivo que o adolescente alegou para matá-lo, pois no depoimento ele confessou ter vingado agressões a um amigo causadas por Matheus. A mãe da vítima afirmou que ele sofria perseguição na escola e o delegado que cuidou do caso confirmou que o assassinato fora motivado pelas situações de bullying no ambiente escolar.

A prática da violência como toda ação, transforma o mundo,
mas a transformação mais provável é de um mundo mais violento.
(ARENDRT, 1969, p.51).

A afirmação de Arendt pressupõe uma realidade baseada em fatos que estatisticamente são divulgados pelos meios de comunicação e nos conflitos que diariamente estudantes vivenciam nas escolas e universidades em várias partes do mundo, são histórias que têm grandes proporções e causam comoção como a do massacre na Virgínia (EUA)³, onde o sul-Coreano Cho Seung-hui, um estudante de vinte e três anos matou a tiros trinta e duas pessoas e feriu outras vinte e cinco na universidade onde estudava. Segundo relatos ele era solitário e introspectivo, em uma das suas mensagens ele acusa pessoas, sem citar nomes, de o acharem patético e de o extinguirem. Falou em morrer como Jesus Cristo para inspirar gerações de pessoas fracas e indefesas. (BBC, 2007)⁴.

Outra história de bastante destaque foi o massacre de Realengo⁵ no Rio de Janeiro, onde o ex-aluno de uma escola pública municipal, Wellington Menezes de Oliveira voltou à sua antiga escola para se vingar dos maus tratos outrora sofridos. Um ex-colega de turma afirmou que o jovem sofria bullying, pois era provocado constantemente pelos outros alunos, com apelidos e gozações por ter problemas em uma das pernas, por ser calado e fechado. Motivado por raiva ele matou a tiros doze estudantes e suicidou-se em seguida.

³Massacre na Virgínia EUA em abril de 2007, onde o estudante Cho Seung-hui matou a tiros trinta e duas pessoas e cometeu suicídio. Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070418_virginiacoreanoperfil_ac.shtml

⁴BBC BRASIL. Fonte: <http://www.bbc.com/portuguese>

⁵Massacre em Realengo, foi um assassinato em massa ocorrido em sete de abril de 2011. O ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos invadiu a escola, matou doze pessoas e cometeu suicídio. Ele sofria Bullying. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Realengo.

As situações trágicas descritas foram produzidas pela violência entre pares, crianças e adolescentes que conviviam diariamente, demonstraram intolerância uns para com os outros e para com as diferenças. Uns se julgaram mais fortes e poderosos, desrespeitaram e destrutaram seus colegas de escola, outros por se sentirem excluídos tornaram-se algozes de seus pares e/ou de si mesmos. Os achados em Freire pode reforçar essa ideia:

(...) não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão. Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como *outro*. Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam. (FREIRE, 1987, p. 23).

Como as vítimas dessas histórias trágicas conseguiriam se defender? Arendt (1969, p.28) coloca que o maior inimigo da violência é o desprezo e a maneira mais segura de destruí-la é a chacota. Entretanto, reportar atitudes como essas para a realidade de crianças envolvidas em conflito como o do bullying não se configura tarefa fácil, ou seja, fazê-los enfrentar ataques cruéis e sem procedência, de serem indiferentes ou mesmo fazerem “chacotas” com as atitudes dos seus agressores, transcende a realidade dessas vítimas e das agressões constantemente sofridas, mesmo porque as histórias trágicas citadas neste trabalho reflete o despreparo das pessoas para conviver com esse conflito, portanto, responder com precisão sobre como as crianças devem ou deveriam reagir nas situações de ataques, representa uma tarefa difícil, pois, como descrito acima, não existe, ainda, uma “fórmula pronta” para solucionar definitivamente as situações de bullying, mesmo porque alguns autores, como Silva (2010, p. 117), por exemplo, acreditam e afirmam que o bullying ocorre em todas as escolas, (...) pode se dizer que está presente de forma democrática em quase cem por cento das escolas em todo o mundo, públicas ou particulares. O que pode variar são os índices encontrados em cada realidade escolar.

2.2 Alguns estudos sobre o bullying

Dados estatísticos advindos de estudos de diversos países, podem de fato confirmar essa afirmação de Silva (2010, p. 117), pois calcula-se que cerca de 5% a 35% de crianças em

idade escolar estão envolvidas de alguma forma em condutas agressivas na escola, atuando como vítimas ou agressoras (FANTE, 2012, p. 46). No Brasil estudos importantes foram realizados para a comprovação da existência de bullying entre escolares, passo aqui a destacar alguns desses estudos:

a) primeiro estudo: pesquisa quantitativa feita pela extinta ABRAPIA⁶, com o apoio financeiro da Petrobrás, em parceria com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e com a Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro, no período de novembro e dezembro de 2002 e março de 2003. Foram aplicados questionários a alunos de 5ª a 8ª série, de onze escolas, sendo nove escolas públicas e duas particulares. Participaram dessa pesquisa 5.482 alunos, com idade média de 13,47 anos, desses 40,5% (2217) admitiram ter tido envolvimento direto na prática do Bullying, como vítima e/ou agressor.

Os resultados dos participantes do Bullying foram: **16,9% de vítimas**; 10,9% de vítimas-agressoras; **12,7% de agressores**; **57,5% de testemunhas**. Os dados desse estudo também mostraram que as meninas tendem a apelidar, difamar e pegar e/ou quebrar pertences, enquanto que os meninos agredem e ameaçam mais que as meninas. O bullying ocorreu mais na sala de aula (60,2%) e no recreio (16,1%);

b) segundo estudo: pesquisa quantitativa e qualitativa foi realizada pelo CEATS (Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor) em parceria com a FIA (Fundação Instituto de Administração), sob a coordenação de Fischer (2010). Os relatórios foram aplicados entre os meses de outubro e dezembro de 2009, vinte e cinco escolas, das cinco regiões do Brasil, foram convidadas a participar da pesquisa, com amostras aleatórias, mas com quantidades parecidas de sujeitos abrangendo alunos da 5ª à 8ª séries, totalizando 5.168 alunos entre onze e quinze anos de idade. Os resultados indicaram que 28% dos alunos afirmaram ter sido vítimas de bullying uma vez no ano de 2009; sendo a maior incidência nas idades entre onze e quinze anos, quase **10% afirmaram ter sofrido maus tratos mais de três vezes nesse mesmo ano**, o que pôde configurar como sendo bullying. Na avaliação qualitativa os xingamentos e apelidos foram, manifestações mais comuns e frequentes de Bullying.

⁶ABRAPIA: Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, organização não governamental, idealizada pelo pediatra Lauro Monteiro e fundada no Rio de Janeiro em 1988. Fechou as portas em 2006. (<http://www.observatoriodainfancia.com.br/>).

Os meninos se destacaram como principais agressores (12,5%) em relação às meninas (7,6%) O lugar de maior prevalência das agressões foi na sala de aula, com (9%) ou sem (13%) a presença do professor, em seguida está o pátio da escola (8%) Essa pesquisa revelou também as incidências de vítimas do fenômeno por região no ano da pesquisa, sendo de 15,5% no Sudeste; 11,7% no Centro Oeste; 8,4% no Sul; 6,2% no Norte; 5,4% no Nordeste. Quanto aos agressores a porcentagem se assemelha com as vítimas, pois 29% afirmaram ter maltratado colegas na escola ao menos uma vez no ano e 10% afirmaram ter maltratado colegas na escola por mais de três vezes no ano;

c) terceiro estudo: pesquisa quantitativa e qualitativa realizada pelas estudantes Nikodem e Piber (2011), nos municípios de Santo Ângelo e Santo Cristo no Rio Grande do Sul, participaram da pesquisa 1732 alunos, sendo que os questionários foram respondidos por alunos de 5ª a 8ª série. Os dados colhidos mostraram que o fenômeno ocorre frequentemente na faixa etária de onze a quatorze anos, que 261 alunos afirmaram ter sofrido intimidação, agressão ou assédio dentro da sala de aula, os conflitos causaram consequências ruins, danos terríveis ou fez o aluno mudar de escola. A incidência de meninos (559 alunos) envolvidos no conflito foi maior do que a de meninas (333 alunas). A maior agressão sofrida foi verbal (453 alunos), seguida da agressão física (280 alunos).

d) quarto estudo: pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa e quantitativa realizada por Souza & Cunha (2013) que teve como base uma dissertação apresentada no ano de 2011 e como objetivo levantar dados sobre o fenômeno Bullying entre discentes dos anos iniciais do ensino fundamental, de seis escolas da Zona Urbana do Município de Santarém, Pará. Participaram do estudo 57 discentes e 12 docentes. Os resultados alcançados: as idades mais afetadas pelo Bullying foram: nove anos (42%), dez anos (31%), oito anos (23%); 64% dos discentes disseram já terem sofrido agressões verbais; 52% já foram agredidos fisicamente por colegas dentro da escola; a maior parte das agressões ocorreu no recreio (33%) e na quadra (28%); quanto à identificação dos docentes, 58% não conseguem identificar nos alunos as características do Bullying, 42% conseguem identificar, porém não dão importância ao problema.

Os três primeiros estudos demonstram peculiaridades semelhantes. É possível observar que existe um número expressivo de alunos pesquisados, os questionários foram aplicados aos alunos da 5ª à 8ª série, a média de idade está entre onze e quinze anos. A quantidade de meninos envolvidos nas agressões é maior do que a das meninas. Nos três primeiros estudos

os ataques aconteceram principalmente na sala de aula, não estavam explicitados nos estudos que os ataques tenham acontecido na presença do professor, ou que ele tenha identificado o conflito, portanto, esse fato é mostrado no quarto estudo, onde é possível verificar que mais da metade dos docentes não identificavam as características do bullying, enquanto que a porcentagem restante identificava, porém não intervinha no conflito.

Fante (2012, p. 67) relata a omissão do professor diante das relações conflituosas. Estudos no Brasil verificaram a frequente ocorrência do bullying na sala de aula e que os professores pareciam não saber distinguir condutas violentas de brincadeiras entre os alunos, lhes faltam preparo para identificar, diagnosticar e desenvolver estratégias pedagógicas para o enfrentamento do conflito. Para Pesceet al (2004, p.136) as experiências de vida negativas são inevitáveis para qualquer indivíduo, nisso, portanto, sobressai a questão dos níveis de exposição e dos limites individuais de cada um, assim, a visão subjetiva de um indivíduo a determinada situação, ou seja, sua percepção, interpretação e sentido atribuído ao estressor é que o classificará ou não como condição de estresse, reportando essa ideia para a reação do professor diante das situações de bullying na sala de aula, pode-se deduzir que, de fato, suas ações dependerão da sua visão e capacidade de julgar as ações como graves ou não.

3.O LUGAR DA PESQUISA E INTERVENÇÃO



Fonte: pesquisadora

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio foi inaugurada em 08 de abril de 1962, situa-se no bairro Alcides Almeida, na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil, sendo o patrono o Dr. João Thiago do Patrocínio, médico, militar, poeta e jornalista. Na escola funciona desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental Completo, com um total de 219 alunos, sendo 105 no matutino (anos finais) e 114 no vespertino (anos iniciais). O quadro de docentes divide-se em dois professores de Educação Infantil; três professores do ciclo de alfabetização; dois professores de anos iniciais; oito professores de anos finais, eu como professora de educação física para anos iniciais; uma professora substituta para os anos iniciais; uma professora da sala de recursos; um técnico do laboratório de informática; uma secretária; quatro serventes de merendeiros e dois rondas. A equipe diretiva é composta pela diretora e vice-diretora (eleitas por votos da comunidade local), orientadora e supervisora, possui seis salas de aulas, secretaria, diretoria, biblioteca, refeitório, três banheiros (um feminino, um masculino, e o dos funcionários), quadra poliesportiva coberta, que é de uso comunitário também.

A geração de renda dos moradores é por meio do trabalho doméstico, comércio (mercearias), bares, mercados e autônomos (vendedores ambulantes, recicladores e trabalhos manuais). Existem relatos de alunos, pais e professores da ocorrência do envolvimento de muitos jovens com as drogas. Existe violência nos arredores da escola, sem ocorrência de morte, são agressões verbais e físicas. Quanto à comunidade, eles costumam participar das reuniões e palestras quando convocados, sendo maiores em festividades e/ou outros. Não existe escola de Ensino Médio na região. A filosofia da escola está centrada no fortalecimento dos valores e das relações interpessoais facilitando o convívio social, visando a preparação do educando para o mundo adulto e suas contradições, proporcionar a construção do conhecimento e a socialização do sujeito, indicadores para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade. As turmas dos anos iniciais (pré-escola, primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto ano) têm aulas de educação física e educação artística, uma hora/aula na semana, com professores formados na área, o que se chama de aula especializada. A minha presença como professora de educação física ocorre em dois dias na semana, para uma hora de aula para cada uma das seis turmas.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Bullying e suas características

De acordo com Fante (2012) bullying é compreendido como um subconjunto de comportamentos agressivos. É um conceito específico e bem definido, pois não se deixa confundir com outras formas de violência sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. Universalmente é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. As atitudes são: insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e afligem a vida de outros alunos levando-os à exclusão, pode provocar danos físicos, morais e materiais. A autora reforça que esse conflito apresenta características próprias (pois se trata de violência oculta), a mais grave é a propriedade de causar traumas ao psiquismo das vítimas. Pode ocorrer dentro da sala de aula, através de linguagem não verbal, por olhares intimidatórios, desqualificantes e atemorizadores, rizadas e cochichos, nos intervalos de aula, durante a troca de professores. No recreio é mais difícil de ser identificado, devido a grande aglomeração de alunos, pode estar presente não só nas escolas, mas onde existirem relações interpessoais.

No Brasil entrou em vigora Lei nº 13.185, de seis de novembro de 2015 que institui a proposta de criação de programas de combate ao bullying em todo o Brasil e o define como intimidação sistemática (atos de intimidação, humilhação ou discriminação), ou seja, é todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Podem ser: ataques físicos, insultos pessoais, comentários sistemáticos e apelidos pejorativos, ameaças por quaisquer meios, grafites depreciativos, expressões preconceituosas, isolamento social consciente e premeditado, pilhérias. Ainda de acordo com a lei o programa de combate à intimidação sistemática, o bullying, tem como um dos objetivos: promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática, ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Fante (2012, p.49) esclarece que nem todos os momentos de conflitos vivenciados nas escolas são considerados bullyings. Para que ocorra o conflito existem características a serem consideradas: ataques prolongados e repetitivos contra uma mesma vítima sem motivação aparente, danosos e deliberados. Caracterizar o bullying foi uma das preocupações de Olweus (1993) no início das suas pesquisas, para que não houvesse outras interpretações ou que o conflito se igualasse a imprevistos e/ou a brincadeiras que são próprias da idade e que fazem parte do processo de amadurecimento da criança e do adolescente.

Os estudos desse fenômeno começaram com o próprio Olweus (1993), sueco, professor, pioneiro e fundador da pesquisa sobre o bullying, líder mundial sobre o assunto, por aproximadamente quarenta anos ele esteve envolvido em pesquisas e intervenções a despeito desse conflito entre crianças e jovens em idade escolar. Um interesse social forte em vítimas de problemas de bullying foi despertado primeiro na Suécia no fim da década de 60 e início de 70 e rapidamente espalhou-se para os outros países escandinavos (Dinamarca, Noruega, Finlândia e Islândia). Por alguns anos, essas tentativas estiveram confinadas na Escandinávia, porém nas últimas décadas do século XX, bullying entre escolares foi recebendo atenção pública e investigação em outros países como Japão, Inglaterra, Canadá, Estados Unidos e Austrália. De acordo com Olweus (1993), na Noruega, problemas com vítimas de bullying foram por vários anos questões de interesse geral na mídia, entre os professores e os pais, porém as autoridades escolares não se envolviam, não davam importância ao fenômeno. Alguns anos depois, uma mudança ocorreu, ou seja, no fim de 1982 um jornal noticiou que três meninos de dez a quatorze anos cometeram suicídio e que as ações foram provavelmente como consequências de bullying sofridos na escola. Este evento despertou considerável inquietação e tensão na mídia e do público em geral. Disparou uma cadeia de reações, o resultado final foi uma campanha nacional contra problemas com vítimas de bullying nos colégios primários e secundários noruegueses, iniciada pelo Ministro da Educação no outono de 1983.

De acordo com Fante (2012, p. 44-47), pesquisas no Brasil começaram em 1997, em quatro escolas públicas de Santa Maria (RS) e de 2000 a 2001, em duas escolas municipais do Rio de Janeiro. Outra pesquisa de maior proporção foi realizada pela Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) de 2002 a 2003, abrangendo onze escolas do Município do Rio de Janeiro.

4.2 Os envolvidos no bullying e seus respectivos comportamentos

4.2.1 A vítima: o alvo fácil do agressor

A vítima do bullying, frequentemente fica isolada e perto de algum adulto que possa protegê-la, na sala de aula demonstra dificuldade em fazer perguntas ao professor ou emitir opinião, falta às aulas, por medo de represálias, demonstra tristeza, depressão ou aflição, nos jogos ou atividades em grupo sempre é a última a ser escolhida, tende a se desinteressar das atividades e tarefas escolares. Nos casos mais dramáticos apresentam hematomas, arranhões, cortes, ferimentos, roupas danificadas ou rasgadas. (SILVA, 2010 p.48-49).

Silva (2010) afirma que em casa, no convívio familiar, a vítima pode queixar-se de dores de cabeça, enjoo, dor de estômago, tonturas, vômitos, perda de apetite, insônia. Esses sintomas tendem a piorar antes de ir à escola, pode apresentar explosões repentinas de irritação ou raiva, é de poucos amigos, estes preferem não estarem expostos, afim de não divulgar a amizade, gasta mais que o habitual com lanches na escola ou objetos com o objetivo de agradar aos colegas e assim evitar as perseguições, mas essa tentativa tende a agravar o problema, pois demonstra ainda mais insegurança e ansiedade. Inventava desculpas, sintomas de doenças, para faltar às aulas, descuida-se das situações que envolvem os afazeres escolares.

Fante (2012, p.71) define a vítima típica como sendo o indivíduo ou grupo de indivíduos geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros e não possui habilidades para reagir. Pode ter aspecto físico mais frágil que os agressores, coordenação motora deficiente, especialmente entre os meninos, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos, dificuldade de impor-se ao grupo, fisicamente ou verbalmente, tem conduta habitual não agressiva, motivo pelo qual parece denunciar ao agressor ser uma “presa fácil”, pois mostra que não irá revidar a ataques. Muitas vezes a vítima relaciona-se melhor com pessoas adultas do que com seus pares.

Olweus (1993, p.28) classifica as vítimas típicas como inseguras e ansiosas em relação aos estudantes em geral, são cautelosos, sensitivos e quietos. Quando atacados por outros

estudantes, comumente reagem chorando e se retirando. Também para o autor a vítima geralmente sofre de baixa autoestima, tem visão negativa de si mesma e da sua situação.

4.2.2 Vítima provocativa

De acordo com Fante (2012, p. 72) a vítima provocativa é a que desafia a reação do agressor, mas não consegue lidar com a situação, possui “gênio ruim”, tenta responder às agressões, mas sem sucesso. Pode ser hiperativa, inquieta, dispersa, ofensora, é tola, imatura, de costumes irritantes, quase sempre deixa tenso o ambiente em que está. De acordo com a autora existe a vítima agressora que reproduz os maus tratos sofridos, geralmente agride outro colega que pareça ser mais frágil que ela, transferindo, assim, as agressões que sofre ou sofreu, fazendo do bullying um ciclo reprodutivo.

4.2.3 O Agressor

É o valentão, o brigão, o que escolhe suas vítimas através da aparente fragilidade delas e não demonstram respeito, na maioria das vezes consegue se livrar das situações em que seus atos produzem sérias consequências, Fante (2012, p.73). Para Olweus (1993, p.35) o agressor é caracterizado pela impulsividade e forte necessidade de dominar os outros, tem pouca empatia com as vítimas de bullying, ele geralmente tem uma visão relativamente positiva de si mesmo. O agressor costuma ser mais forte fisicamente que os meninos em geral e que as vítimas em particular.

Silva (2010, p.50) explica que no ambiente escolar os agressores começam seus ataques com brincadeiras, que evoluem para gozações, risos provocativos, hostis e desdenhosos. Coloca apelidos pejorativos e ridicularizantes, de forma maldosa, insulta, ameaça, difama, constrange e menospreza suas vítimas, faz ameaças diretas ou indiretas, perturba, intimida, dá socos, empurrões, pontapés, tapas, beliscões, puxa os cabelos, as roupas. Envolve-se direta ou indiretamente nos conflitos entre os estudantes ou entre eles e o professor, costuma ser agressivo e desafiador, não respeita hierarquias, manipula e mente, muitos são arrogantes e comportam-se como se nada de errado tivesse acontecido.

4.2.4 Os Espectadores

Segundo Silva (2010, p.51), os espectadores assistem e são omissos aos ataques que presenciam, geralmente costumam manterem-se calados sobre o que sabem, os mais sensíveis chegam a narrar alguns fatos acontecidos. Fante (2012, p.117-118) define o espectador do bullying como sendo aquele que presencia as agressões, mas não as sofre ou as pratica. Ele adota a lei do silêncio, afim de não se tornar vítima. Muitos deles sentem-se inseguros e incomodados com os conflitos presenciados, porém costumam não tomar partido da situação.

4.3O lúdico como recurso na abordagem do bullying escolar

Ao lembrar a infância, as ideias nos remetem aos tipos das brincadeiras que também eram praticadas com outras crianças, dos brinquedos, da alegria, do universo que fazia parte daquele instante e do quanto se pode aprender através da convivência, das ideias diferentes, da própria produção dos brinquedos. Salgado (1991, p.20-23) nos coloca que o brincar ou jogar para a criança é tão importante como o comer ou o dormir. Privadas disso, as consequências provavelmente somente serão percebidas com o tempo, onde poderá haver adultos sem muita criatividade, que talvez continuem a elaborar e idealizar estatutos que garantem a teoria, mas esquecendo-se da prática, o autor ainda coloca que o jogo é absolutamente sério para quem está nele inserido e que aprender em meio ao prazer e ao divertimento significa compreender.

O conjunto de atividades ligadas às práticas infantis e que está inserido nessa intervenção será chamado de lúdico, que de acordo com Ferreira (2010, p. 475) é o relativo a jogos, brinquedos e divertimentos. Na definição de Santin (2001, p.22) lúdico vem de ludus (lat.), que pode ser traduzido por jogo e no sentido original latino significa divertir-se, porém para Salgado (1991, p.18) o universo das atividades lúdicas não pertencem exclusivamente ao jogo. Elas podem se concretizar nas mais diversas ações, nos mais inesperados momentos, pois um momento pode adquirir um sentido novo de acordo com as condições internas e externas a cada indivíduo: uma mesma atividade pode ser observada em diferentes idades com sentidos lúdicos diversos e pode até mesmo ser considerada comumente como lúdica, mas ter para um indivíduo um sentido não lúdico.

Santin (2001, p.45) coloca que a vida infantil é constituída pelo mundo do brinquedo. Um mundo criado pela criança, onde ela mesma se autocria e conduz para dentro dessa área do brinquedo objetos, fenômenos, personagens do mundo que as envolvem, julga-se que a criança brinca somente quando é deixada em liberdade para manipular objetos, se movimentar, fazer o que bem entender segundo sua vontade e decisões, tudo indica que ela continua com o mesmo espírito lúdico quando se relaciona com outras pessoas, quando participa da vida familiar e, especialmente quando está em companhia de outras crianças. Focada nesse contexto idealizei um conjunto de atividades em que a criança pode brincar e ao mesmo tempo buscar o entendimento das situações reais que ela mesma vivenciou e vivencia no seu dia-a-dia escolar, neste caso a própria violência entre pares, além de creditar na capacidade de os alunos reproduzirem suas ideias, as ações foram se concretizando através da exposição das suas opiniões, num momento de liberdade para o diálogo, criação e expressão, sem imposições, numa troca de saberes entre professora (s) e alunos.

Para Freire (2000, p.28) as crianças necessitam crescer no exercício da capacidade de pensar, de indagar-se e de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos.

(...) certamente é possível observar o processo de decisão, do pensar, do agir de uma criança quando ela brinca, um conjunto de ações que pode ser chamado de ludicidade, que é a fantasia, imaginação e sonhos que se constroem como um labirinto de teias urdidas com materiais simbólicos, pois os mundos fantasiosos do brinquedo revelam a fertilidade inesgotável de simbolizar do impulso lúdico que habita o imaginário humano construindo um universo, do qual o criador ocupa o lugar central, através de simbologias originais e inspiradas no universo real de quem brinca.(SANTIN, p.54)

A criança tem muitas opções de brinquedos idealizados pelos adultos e fabricados para atender a um grande público infantil, além de ter seus espaços consideravelmente limitados e por consequência a própria liberdade, o poder de imaginação, de criação delas vai se tornando cada vez mais enfraquecido. Santin (2001, p.55-56) considera que para a criança não importa a utilização de objetos com funções preestabelecidas, algo imposto, ainda que indiretamente, mas uma demiurgia, brincar é simplesmente brincar.

4.3.1 A proposta do lúdico aos alunos

Através do imaginário, do lúdico e da ação inocente, características principalmente na infância, que surgiu a oportunidade de se trabalhar assuntos sérios e polêmicos numa linguagem apropriada para a realidade, ter conquistado a aceitação dos alunos, numa proposta de atividades com um tema tocante e sério como o bullying, ainda que de forma lúdica, foi um desafio para mim como professora, em ter colocado e em ter tornado a proposta atrativa, interessante e possível. Nesse contexto, utilizei para a ideia do lúdico o mesmo sentido que Cobra (2006) coloca para o teatro escolar, Santin(2001) para o brincar e o próprio Freire (2000) para a criança não ter que seguir programações impostas, seguindo essas ideias o projeto envolveu atividades não impostas, numa abordagem que conquistou a aceitação espontânea da turma.

Freire (1996, p.36) afirma que o caráter formador do espaço pedagógico é autenticado quando há o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente. Nesse sentido, a responsabilidade do docente aumenta ao passo que a atividade precisa ser fascinante primeiramente para ele a fim de provocar nos alunos curiosidade e anseio a algo intrigante a ser desbravado. Para se falar da importância da influência do professor nas atitudes dos alunos é necessário entender como é a relação do professor com o seu aluno.

A relação professor-aluno poder-se-ia estar enumerada sem conseguir chegar a uma ideia ou ação determinante nesse processo, porém Freire (1996, p. 29) assegura que existe uma alegria necessária à atividade educativa e à esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender ensinar, inquietar-se, produzir e igualmente podem resistir aos obstáculos a essa alegria, vale destacar a dialogicidade como uma característica dessa relação, uma forma de se conquistar a confiança entre professor e aluno. Ainda para Freire (1987, p.46) o diálogo tem que está fundado no amor, na humildade, na fé nos homens, estar pautado nas experiências tanto do educando quanto do educador, ou seja, é uma troca de saberes, de integração, é preciso haver confiança entre eles e estar em conjunto com esses sentimentos, pois caso contrário não se configura um diálogo, mas sim uma imposição.

O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma (...) porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. (FREIRE, 1987, p.9. grifo meu).

O professor conhece a realidade do seu aluno? Não estaria o professor e o aluno numa relação distante de diálogo e integração? As próprias pesquisas sobre bullying poderiam claramente responder a essas perguntas, pois os resultados dos estudos aqui expostos demonstraram que, embora seja na sala a maior ocorrência dos conflitos, muitos professores afirmam não presenciar ou reconhecer os ataques. Por outro lado as vítimas ou os espectadores não sentem confiança no professor para relatar as agressões ocorridas ou presenciadas. Essa realidade possivelmente reforça o isolamento dos alunos e descaracteriza a importância do diálogo que Freire (1987) define dessa relação entre professor e aluno, para que não se crie um distanciamento, mas encoraje e produza no aluno a confiança de relatar suas aflições ao professor. Baseadas nas ideias dos autores, principalmente na integração entre professora e alunos, conquistar a confiança deles e a busca do querer se envolver no projeto foi realmente possível.

4.3.2 O teatro como parte do lúdico no processo da intervenção

Conforme Boal (1982, p.13) o teatro é a forma de comunicação entre os homens, que as formas teatrais não se desenvolvem de maneira autônoma, antes respondem sempre a necessidades sociais bem determinadas e a momentos precisos. Essa ideia do autor motivou uma das ações lúdicas desse projeto, que foi o desenvolvimento de um teatro de bonecos. Signorelli (1974) reforça importância do teatro voltado para o ambiente escolar, que o objetivo do teatro na escola não é o de transformar alunos em atores e atrizes, mas em fazê-los mais conscientes e mais harmonicamente desenvolvidos e que esse tipo de atividade deveria ser acessível a todas as crianças, que o educador deveria transformar o desejo dos alunos em fazerem teatro em uma necessidade educacional, assim:

(...) se a preocupação constante do educador é o florescimento natural do desenvolvimento da criança como indivíduo, com seu caráter pessoal, e se tem, verdadeiramente, o desejo de educar a criança e não somente instruí-la; para alcançar este fim, o educador deverá ter em conta as tendências naturais da mesma e o ritmo particular de cada uma. (SIGNORELLI, 1974, p.13).

O teatro é fascinante e permite aos seus envolvidos transpor sentimentos e ideias que em situações comuns do dia a dia isso não seria possível. É com a ideia de fascínio que os alunos no ambiente escolar têm a oportunidade de expressar as emoções, sejam como atores ou expectadores, no entanto, Heliadora (1965, p.6) faz uma alerta sobre o teatro infantil ao

colocar que o teatro pode mesmo educar, entretanto, deve fazer pelos seus próprios meios, pelo aprimoramento de conceitos estéticos, pela ampliação do conhecimento humano e nunca pela lição de moral impingida, soletrada e imposta.

4.3.3 O Teatro de bonecos

Dentre as atividades propostas dessa intervenção, o teatro como já colocado anteriormente, foi parte integrante do processo lúdico para a abordagem do bullying escolar, especialmente o teatro de bonecos, pois a construção dos personagens partiu da criatividade dos alunos. Vale ressaltar que a abordagem teórica do teatro teve um maior destaque, como se pode conferir ao longo do texto, devido à constituição e complexidade na sua composição, portanto não mais importante que as brincadeiras propostas nos outros encontros, mesmo porque todas as atividades formaram a base relevante para a abordagem do bullying e para a própria construção do teatro.

Conforme Guerra, Gusmão e Sibrão (2008) o teatro de bonecos teve sua origem na antiguidade, com a criação de bonecos de barro e aos poucos aprimorados com movimentos para representações. Os bonecos já eram bastantes conhecidos na China, Índia e na Grécia antiga, tinham importância tanto cultural quanto religiosa, posteriormente sua prática se espalhou por toda a Europa. Na América os fantoches foram trazidos pelos colonizadores, no Brasil as primeiras representações com bonecos datam do século XVI, mas sua consolidação é somente por volta do século XX. O destaque para a criação do teatro de bonecos, no Brasil, é da autora e escritora Maria Clara Machado, que por volta dos anos 40 abandona um emprego de secretária, para se dedicar inicialmente ao teatro de bonecos, escreveu algumas peças para marionetes. Ela é considerada uma das autoras brasileiras que mais escreveu para o público infantil, tendo inclusive, representado o Brasil no Terceiro Congresso Internacional de Teatro para a Criança e a Juventude, realizado em Paris em 1965. (NETO, 1997). Moretti e Beltrame (1997, p.19) afirmam que o teatro de bonecos é praticado em todo o mundo, sendo que em alguns estados brasileiros tem-se a expressão mais antiga e atuante desse tipo de teatro que é o do Mamulengo⁷.

⁷Mamulengo – presente em alguns estados do nordeste brasileiro (especialmente em Pernambuco), é uma forma de teatro de bonecos praticada por artistas do povo, baseia-se na improvisação livre do autor e uma interação boneco/plateia, ou seja, o público participa intensa e constantemente. Os mamulengos, ao contrário dos bonecos fantoches e dos marionetes, não são frágeis, não possuem grande complexidade quanto ao seu funcionamento e tampouco são feitos para logo perecerem. O mamulengueiro-artesão, quando faz os bonecos, tem uma

Conforme Gonçalves (1966, p.9) no teatro de bonecos existem duas formas de espetáculos distintas que é o teatro de fantoches ou de luva e o teatro de marionetes, que são movimentadas com fios ou com varetas. O termo fantoche substitui a palavra títere. Por excelência o teatro de fantoches se baseia na improvisação, à espontaneidade, enquanto que as marionetes é um gênero mais evoluído e elaborado. Miachon (2006, p.52) explica que a manipulação dos bonecos pode ocorrer com diferentes técnicas: luva, vara, fios e que num mesmo boneco podem ser usadas combinações dessas técnicas, a autora chama a atenção para que o manipulador possa estar oculto ou á vista, mas sempre neutro, não disputando com o boneco a atenção do espectador. Nessa perspectiva, os alunos participantes da intervenção pedagógica tiveram a liberdade e a possibilidade de usarem a combinação de técnicas, a fim de obterem um espetáculo com movimentos diversificados. A autora fala sobre o encantamento que o teatro de bonecos causa nas pessoas, da possibilidade de reflexão dos conflitos em forma de drama, na proposta de apresentações com ideias para sensibilizar, do diálogo com a imaginação dos que assistem e/ou os que participam do espetáculo, os bonecos perturbam num jogo de transformação, simulações e revelações, transmitem ideias, e recados através do riso, das formas, dos movimentos, causando surpresas e provocações.

As técnicas do teatro de bonecos são únicas e específicas porque trabalham essencialmente por meio de objetos para se comunicar. Isso é fundamental para compreender esta arte. O processo criativo para o teatro de bonecos é totalmente diferente do teatro de atores, porque nele existe um sujeito/ator e um objeto/boneco que convivem em cena. Essa é a razão da diferença – um objeto. (MIACHON, 2006, p.32).

Por que o teatro de bonecos fez parte das atividades lúdicas desse trabalho para a abordagem do bullying escolar? O teatro, independente da sua forma é uma arte, por conseguinte, Junior (2005, p. 47-49) revela que a arte, em todas as suas manifestações é uma tentativa de nos colocar diante de forma que concretizem aspectos do sentir humano, o autor ainda afirma que a arte não está regida por regras e convenções rígidas, explicitamente formuladas, como linguagem, se ela simboliza sentimentos o faz de maneira diversa da simbolização linguística: simboliza apenas e tão somente os sentimentos que existem nela própria.

Souza (2014, p.9) reforçou a para mim a ideia de Junior (2005) ao referir-se sobre o teatro de bonecos como uma ação de encantamento da criança que começa na criação do seu próprio boneco, da vontade de dar “vida” a ele, criar e recriar histórias, trabalhar a imaginação. No propósito do poder criativo e imaginário da criança que se pode explorar um trabalho que envolveu os assuntos que os cercam e o bullying foi o fator que desencadeou a expressão dos sentimentos dos alunos, estando visivelmente também no processo da criação do teatro.

5. OBJETIVO

5.1 Objetivo Geral

Provocar o reconhecimento da nocividade da prática do bullying, numa abordagem através de atividades lúdicas variadas como brincadeiras e a produção de um teatro de bonecos.

5.2 Objetivos Específicos

- Realizar encontros com atividades lúdicas que enfoquem o bullying escolar;
- Discutir com a turma do quinto ano as atividades de cada encontro;
- Compreender as características e consequências do bullying;
- Confeccionar os bonecos para a construção teatral;
- Elaborar o texto teatral com base no bullying e apresentar à comunidade escolar;
- Expor na escola o material produzido.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi do tipo intervenção pedagógica, que conforme Damiani et al.(2013, p.6) este tipo de pesquisa envolve planejamento e implementação de uma interferência e a avaliação de seus efeitos e foi dividido em dois componentes, sendo o primeiro em método da intervenção que configura-se a primeira parte e o segundo em método da avaliação dessa intervenção, que será abordado na segunda parte da intervenção.

6.1 Método da intervenção

A proposta original dessa intervenção era pautada em dez encontros, todos com a minha presença e com a colaboração dos alunos participantes, estando a abordagem do bullying em todos os encontros e a do teatro após a primeira fase (no quinto encontro), pois a intenção era fazer com que os alunos visualizassem, primeiramente, a dinâmica do conflito para facilitar a confecção do teatro, no entanto durante o processo da intervenção houve a necessidade de mais dois encontros. Primeiramente abordarei a proposta inicial de cada encontro com seus respectivos objetivos e em seguida a realização pelos os alunos das atividades.

Os responsáveis legais pelas crianças foram informados sobre o tipo de pesquisa e da intervenção proposta e a eles emitidos o termo de autorização, bem como estiveram cientes de todos os processos da intervenção a equipe diretiva, a professora regente da turma e a então estagiária.

6.1.1 A proposta inicial de cada encontro

Primeiro encontro: conversa informal com os alunos da turma do quinto ano numa proposta de trabalho que envolvesse brincadeiras e o teatro de bonecos para demonstrar as relações entre os colegas da turma, às possíveis atitudes negativas que eles pudessem identificar tais como: agressão, apelidos, falta de respeito, dentre outros. Colocação da palavra bullying que qualifica essas atitudes. Entrega do termo de consentimento aos alunos.

Segundo encontro: explicação esclarecedora sobre bullying e amostragem de imagens relacionadas ao conflito, questionamento do que eles entendem sobre o que foi

exposto, e a proposta de exporem as ideias discutidas em grupo para os colegas da turma e a escolha de uma brincadeira por eles mesmos, que pudesse ser associada ao bullying.

Terceiro encontro: retomar o assunto do encontro anterior e a exposição do filme: *Bullying Provocações Sem Limites*⁸ e posteriormente um debate informal, espontâneo a respeito do filme;

Quarto encontro: brincadeira chamada “tribunal do júri”,⁹ com o objetivo de que eles reproduzissem situações baseadas no que já tinham visto sobre o bullying, sem a interferência e imposição da professora.

Quinto encontro: início da escrita da peça com a ajuda dos alunos, enfocando os encontros anteriores.

Sexto encontro: os alunos, em grupos, com a supervisão da professora, começarão a confeccionar os bonecos com materiais recicláveis, poderá haver também a definição e o início da escrita da peça.

Sétimo encontro: continuidade na escrita da peça;

Oitavo encontro: ensaio da peça. O dia da apresentação será combinado com as professoras do turno da tarde para que as famílias sejam convidadas a assistirem a apresentação do teatro de bonecos;

Nono encontro: apresentação da peça para a comunidade escolar do turno da tarde: turmas da pré-escola, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano; professores, equipe diretiva, famílias e funcionários.

Décimo encontro: produção de cartazes que ilustrem as atividades, diálogo com os alunos participantes da intervenção e a exposição do material.

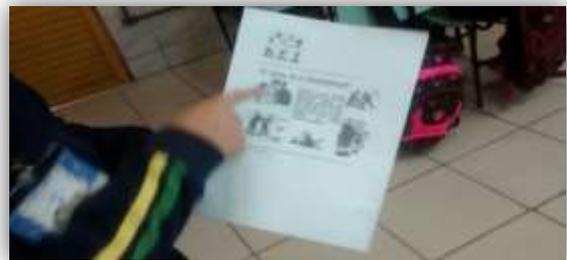
⁸Bullying Provocações Sem Limites - filme de drama espanhol dirigido por Josetxo San Mateo. O filme estreou no Festival de Málaga de Cine Español em abril de 2009 e chegou aos cinemas espanhóis em 23 de outubro de 2009. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying_\(filme_de_2009\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying_(filme_de_2009)).

⁹A brincadeira “tribunal do júri” foi tirada do Almanaque de Brincadeiras (autor: Eliseu de Oliveira Cunha), com algumas adaptações.
Fonte: file:///C:/Users/Alessandra/Desktop/ALMANAQUE%20DAS%20BRINCADEIRAS.pdf

6.1.2 Descrição dos encontros

Do primeiro ao quarto encontro as atividades estiveram focadas na parte teórica do bullying, com explicações, questionamentos, amostras de imagens e filme, além de brincadeiras que foram relacionadas ao conflito a fim de reforçar a parte teórica.

a) Primeiro encontro



Exposição de imagens sobre o bullying, em seguida, pergunta para provocar um debate: o que as imagens podem revelar para vocês?

Antes da intervenção e como já mencionado, fiz um prévio encontro com a turma do 5º ano, no intuito de retomar a proposta do projeto com uma explicação simples e esclarecedora a respeito de como se daria o processo dos encontros, principalmente para os novos alunos. Eles foram informados do termo de consentimento, da importância de levarem e trazerem assinado para que pudessem participar das atividades. A professora regente, prontamente, se encarregou de entregar e recolher os termos assinados pelos responsáveis, estabelecendo, portanto, uma data limite para a devolução dos mesmos, ou seja, o prazo foi de uma semana.

A turma foi dividida em cinco grupos com quatro integrantes, mesmo porque havia no dia vinte alunos na sala de aula, foram chamados de grupo: 1,2,3,4,5. A professora regente da turma e a estagiária me ajudaram na preparação da sala, enquanto os alunos estavam no recreio, as classes foram agrupadas aleatoriamente. Ao retornarem do recreio, todos se posicionaram nos respectivos grupos e não questionaram suas posições, enquanto eles se acomodavam nas cadeiras, escrevi no quadro a palavra bullying e os questionei se conheciam e entendiam o significado da expressão. A maioria respondeu sim e um ou outro arriscou

explicar: “é quando um aluno xinga o outro”; “quando um aluno bate no outro”. Após as respostas, entreguei a cada grupo uma imagem, escolhida aleatoriamente, que retratava situações de bullying e outras que retratavam situações de cooperação e amizade entre as crianças no ambiente escolar. A ideia foi a de que eles analisassem as imagens, discutissem entre eles e logo em seguida escolhessem um representante do grupo para que, por vontade própria e sucintamente, pudesse ir à frente da turma e relatar o que entenderam. A seguir, estão alguns comentários a respeito das imagens que eles analisaram.

Imagem 1



Fonte: <http://educarparacrescer.abril.com.br/listas/bullying-754458.shtml>

Resposta do aluno: “Aqui professora, um aluno riu de um colega por ele ser negro e usar óculos, enquanto os outros alunos ficaram olhando e nada fizeram. Nenhuma pessoa é melhor que a outra.”

Imagem 2

Fonte: http://pt-br.toque105.wikia.com/wiki/Bullying_nas_escolas.

Resposta do aluno: “Esta imagem mostra alguns colegas chamando o outro de baleia e ele está muito triste com isso.”

Imagem 3

Fonte: <http://estilo.uol.com.br/gravidez-e-filhos/noticias/redacao/2016/03/02/em-casos-de-bullying-agressor-precisa-de-tanta-atencao-quanto-a-vitima.htm>

Resposta da aluna: “A menina está triste e isolada porque tem outras fofocando dela, enquanto outros colegas não fazem nada, só olham.”

Imagem 4

Fonte: <http://perguntasparatags.blogspot.com.br/2015/10/tag-bullying.html>

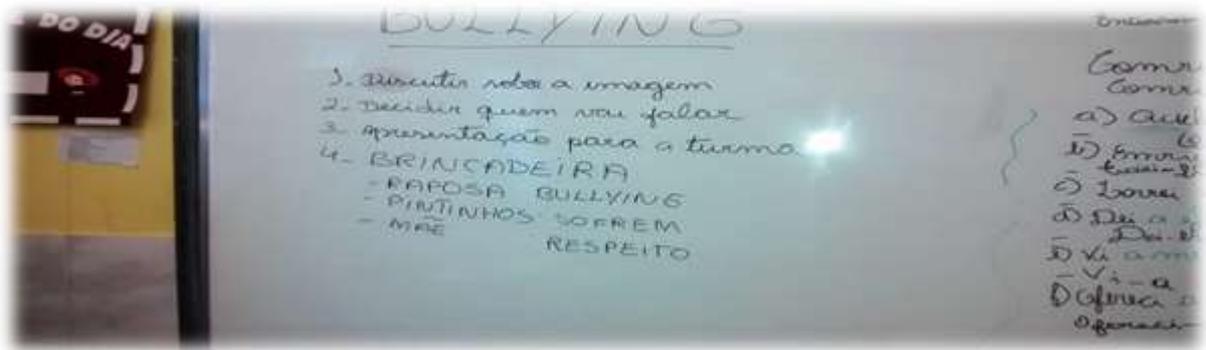
Resposta da aluna: “Não se pode bullying, é proibido xingar os colegas e bater neles.”

Imagem 5

Fonte: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/30-dicas-como-ajudar-seu-filho-lidar-bullying-647014.shtml>

Resposta do aluno: “todos são importantes, não importa como a pessoa é, devemos ser amigos uns dos outros.”

b) Segundo encontro



Atividade proposta: no encontro anterior além de analisar as imagens, os alunos escolheram uma brincadeira que já conheciam e gostavam, mas era necessário associa-la ao bullying. Houve várias sugestões, no entanto a mais votada foi a da brincadeira: “a raposa e os pintinhos”. A brincadeira consiste em: a galinha ficar de um lado da quadra, sem poder sair do lugar, enquanto os pintinhos no outro, distantes e de frente para a galinha, já a raposa se posiciona na lateral, no meio da quadra. A galinha exclama a seguinte frase aos pintinhos: “meus pintinhos venham cá, eles respondem: temos medo da raposa”, a galinha pode repetir a frase por várias vezes, mas os pintinhos só podem correr ao seu encontro, caso ela diga: “podem vir que eu tomo conta”, então eles saem correndo para abraçarem a mãe. Ao saírem do lugar, a raposa está liberada a pegar os pintinhos que vão se tornar raposa caso sejam pegos, o pintinho que ficar por último e não for pego será a raposa ou a galinha na outra rodada, ele mesmo pode escolher. Os alunos sugeriram que a raposa poderia representar o bullying, os pintinhos seriam os envolvidos no conflito, a galinha significaria o respeito (essa palavra fora escolhida por eles mesmos). A brincadeira aconteceu na quadra poliesportiva e consistiu, segundo os alunos, em que os envolvidos no conflito fugissem do bullying e se protegessem na área do respeito. Todos participaram da brincadeira, inclusive houve a colaboração da professora regente e da estagiária durante as atividades. Extrapolado o tempo para uma discussão após retornarmos da quadra, decidimos adiar para o próximo encontro, nos primeiros quinze minutos, pois logo depois haveria a apresentação de um filme, eles mesmos sugeriram e combinaram de trazer pipocas e refrigerantes.

c) Terceiro encontro



Nos primeiros quinze minutos houve abertura para discussão do encontro anterior a respeito da brincadeira “a raposa e os pintinhos”, como tínhamos combinado no encontro anterior. Em seguida à discussão começou a apresentação do filme: “Bullying, Provocações sem limites”, três dos alunos não entregaram o termo de consentimento, portanto, não assistiram ao filme e lhes foram esclarecido que para participarem das atividades seria necessária devolver a autorização assinada por um responsável, eles ficaram sob a responsabilidade da professora regente da turma, que sugeriu a não participação desses alunos até que entregassem os termos assinados, para que os mesmos tivessem mais comprometimento com a seriedade do assunto e para com as atividades propostas. Enquanto eles foram para a biblioteca, os outros assistiram ao filme na sala de aula. Houve a colaboração da estagiária, quanto à arrumação da sala e controle da turma num primeiro momento, pois estavam um pouco agitados. Como o combinado, eu juntamente com algumas crianças trouxe pipocas e refrigerantes e eram servidas enquanto assistiam ao filme.

No início a história não despertou interesse em alguns, no entanto, eles ficaram mais atentos a partir das cenas das agressões, inclusive quando o agressor quebra a pata do cachorro da vítima, as cenas os chocaram e houve alguns murmúrios de revolta como: “que horrível”; “como ele é maldoso”; “nossa, ele não fez nada para defender o cachorrinho, se fosse eu teria espancado o garoto”. O filme teve a duração de uma hora e quinze minutos, durante esse tempo todos permaneceram sentados, salvo alguns alunos que pediram para ir ao banheiro. Foi combinada a ida deles para o pátio no próximo encontro, uma vez que o filme atingiu o horário do recreio. Ao final fiz a eles três perguntas: 1) Vocês conseguiram

identificar os envolvidos no bullying? Com as respostas deles, pude concluir que conseguiram identificar a vítima, os agressores e os espectadores, entenderam que o fim trágico do adolescente estava ligado ao sofrimento e às constantes agressões e humilhações sofridas por colegas da escola. 2) Por que eles achavam que os agressores escolheram aquela vítima? Alguns disseram que a vítima era fraca e não reagia, portanto, outro aluno disse que o agressor tinha inveja, ciúmes da vítima, porque era inteligente, e um ótimo jogador de basquete. 3) O que a vítima poderia ter feito para se sair daquela situação? Alguns concordaram com um colega quando ele disse que a vítima deveria ter contado para a mãe, aos professores e à equipe diretiva ou até mesmo ter ido à polícia, pois não acharam certo o silêncio da vítima, porém outros alunos acharam que a vítima deveria ter reagido de forma violenta também. Ao final das atividades repassei a eles que no próximo encontro haveria atividades relacionadas a um tribunal de júri e que os detalhes eu explicaria no dia.

d) Quarto Encontro



Proposta da brincadeira: “tribunal do Júri”, com o tema: bullying, sendo que a história poderia estar relacionada ao filme assistido no encontro anterior e ao que já tinham visto e vivenciado até aquele momento. Coloquei quantidades suficientes de funções dentro do júri para que todos pudessem participar da brincadeira. Os alunos escolheram, de forma livre, o personagem que cada um gostaria de representar dentre as opções: juiz, promotor de justiça, cinco jurados, dois advogados (um de defesa, outro de acusação), o réu, um escrivão, dois policiais, um oficial de justiça, duas testemunhas, três espectadores, a vítima, expliquei a função de cada componente do júri. As classes foram dispostas de forma que lembrassem um

tribunal. Estavam também na sala de aula: a professora estagiária e a professora substituta, que ficaram distantes para que os alunos estivessem livres para criar as falas. Aos poucos foram simulando uma situação de conflito, julgaram e defenderam. Eles precisaram de instrução em algumas falas e em alguns momentos tivemos que interferir para que focassem na seriedade do julgamento. No início alguns se mostraram tímidos e debochavam da situação, depois as falas foram tomando proporções mais organizadas e começaram a discutir seriamente o assunto. Naquela circunstância a promotora de justiça fez o seguinte pronunciamento inicial: “o julgamento trata de uma aluna que praticou bullying contra outra colega, fazendo com que ela passasse constrangimento e estado de depressão”. Deu-se início à acusação, logo em seguida o advogado de defesa tentava se pronunciar e a advogada de acusação explicou que sua cliente estaria passando por situação depressiva e teria marcas no corpo em função das agressões sofridas, o juiz com muita seriedade e compenetrado pedia silêncio e mantinha a ordem no local. O júri foi instruído a ficar atento porque posteriormente faria a votação contra ou a favor para a condenação da ré. O tempo da brincadeira durou uma hora, a decisão da condenação ou não da ré ficou por conta do júri popular que se reuniu a julgou culpada pelas agressões feitas à colega da turma, o juiz proferiu a sentença e a pena aplicada foi a de trabalhos comunitários em escolas, divulgando a importância de não se praticar o bullying e respeitar os colegas. Para o próximo encontro, combinamos de iniciarmos a criação dos bonecos para o teatro, inclusive alguns dos alunos se prontificaram a levar materiais, objetos para ajudar na confecção dos bonecos.

e) Quinto Encontro



A atividade proposta para esse dia foi o início da criação dos bonecos, os personagens do bullying foram divididos e criados por grupos, ou seja, cada grupo pode escolher se criaria vítimas, agressores, espectadores, equipe diretiva ou familiares. Eu levei para a turma materiais reciclados como: caixas de variados tamanhos e modelos já preparadas, ou seja, tive o cuidado de encapa-las, com o intuito de poupar tempo nesse primeiro processo da produção, os alunos deram continuidade na constituição dos personagens com recortes, colagens e acessórios. No início as crianças estavam um pouco estáticas e demoraram a formar os grupos, então sugeri que se organizassem de acordo com os grupos do primeiro encontro, eles aceitaram a sugestão e deram início à produção dos bonecos. A professora regente necessitou ausentar-se da sala de aula e a estagiária ajudou com os alunos nas produções, com o cuidado para a não intervenção na produção livre das crianças.

Durante o processo de criação, fui reforçando as principais características dos personagens do bullying, falei dos encontros anteriores para que eles lembrassem alguns detalhes dos personagens, e aos poucos os bonecos foram tomando o formato e produzidos de acordo com a percepção deles. Os alunos se envolveram de forma compenetrada nas criações e se preocuparam com as características peculiares em relação ao que entenderam sobre o bullying.

À medida que montavam os bonecos eu os questionava a respeito dos objetos que estavam colocando. Num certo momento uma aluna do grupo das vítimas mostrou o seu boneco pronto e estava diferente dos outros colegas que procuraram reproduzir nas vítimas características marcantes como: orelhas grandes, cabelos, bocas, olhos e narizes diferentes, que chamassem a atenção. Ela explicou que aquele o seu personagem sofria bullying porque a

característica marcante dele era a própria beleza e que isso incomodava os outros colegas. Outro produziu um boneco com a expressão de mau e disse que era um agressor. Os bonecos ficaram todos prontos em uma hora e meia de encontro. Achei conveniente propor a eles encontro no horário contrário ao da aula, para o início da montagem do texto para o teatro. A maioria dos alunos aceitou a proposta, comuniquei à diretora da escola e pedi autorização, após liberada por ela, combinei com a professora regente da turma para que ela comunicasse aos pais dos alunos.

f) Sexto Encontro



Atividades propostas: continuação da criação da peça: doze dos alunos da turma estiveram no período contrário ao da aula para ajudar na confecção da peça, ou seja, na escrita do texto que seria, posteriormente, aproveitada para compor a fala dos personagens. Eu ajudava nas ideias, com dicas das falas dos envolvidos no bullying e eles iam narrando e colocando no papel o que haviam visto e entendido até aquele momento, no entanto, o tempo em que estivemos reunidos para essa produção textual não houve muito êxito, pois era um grupo muito grande de alunos, fazia muito barulho e não conseguia se concentrar. Em um dado momento percebi o distanciamento de dois dos alunos para pontos isolados da biblioteca, eles conseguiram reproduzir algumas ideias e ao mesmo tempo se dispuseram a continuar o texto em casa e entregarem no próximo encontro.

g) Sétimo Encontro

Atividades propostas: nesse dia não houve atividades diretas com todos os alunos, minha ida à escola fora motivada para recolher os textos que alguns dos alunos se propuseram a escrever em casa, acrescentei no texto final para o teatro e terminei a história com o auxílio da professora estagiária, neste dia a história ficou pronta para o ensaio do próximo encontro.

h) Oitavo Encontro



Atividades propostas: manusear os bonecos de acordo com o texto. Os bonecos produzidos pelos alunos ficaram sob meus cuidados, neste dia eu os levei para a escola e os alunos de posse dos seus iniciaram o ensaio do texto que já estava produzido, como dito anteriormente, com as ideias de alguns alunos da turma e a ajuda da professora estagiária foi possível constituir um texto rico em detalhes, posso ainda ressaltar que também tivemos o cuidado para que os alunos participantes da apresentação teatral representasse algum personagem, a ideia era a de não excluir o aluno participante, os personagens foram distribuídos entre os alunos, respeitando principalmente as características dos bonecos por eles produzidos. Na entrega dos bonecos houve grande alvoroço, porém logo eles se acalmaram e com a divisão dos personagens iniciou-se o ensaio, num primeiro momento, sem o palco, na intenção de trabalhar o manuseio com a entonação da voz. Enquanto eu fazia a narração, ia chamando os alunos para a representação dos seus respectivos personagens. A

história, as falas, a forma como os alunos manuseavam os bonecos ficaram confusos no início, mas aos poucos tudo foi se ajustando com a ajuda da professora regente e da estagiária (ambas tinham em mãos o texto para acompanhamento), que foram organizando as sequências dos personagens de acordo com o texto, dessa forma ficou mais organizado e o ensaio mais produtivo. A duração do ensaio foi de uma hora.

i) Nono Encontro



Atividade proposta: ensaio para a apresentação do teatro. Neste dia as professoras e eu montamos um pequeno palco improvisado de teatro de fantoches na sala de aula, um palco que já havia na própria escola. Alguns alunos faltaram à aula neste dia, mas os que estavam se dispuseram a fazer os personagens dos alunos faltosos. Imediatamente os alunos tomaram posse dos seus respectivos bonecos e se puseram à disposição para o início do ensaio, na mesma sequência que havia acontecido no ensaio anterior. A eles foram entregues as falas de cada personagem, que se revezavam à medida que eu narrava. Ainda que fosse o segundo ensaio havia muitos problemas com a entonação das vozes e o manuseio dos bonecos, num primeiro instante, mas logo foram se ajustando no movimento de acordo com as falas. Todos

os alunos presentes na sala participaram da encenação. O ensaio durou em média uma hora com a fala de todos os personagens.

j) Décimo Encontro



Atividades propostas: ensaio geral. Os alunos fizeram o último ensaio para a apresentação da peça, como aconteceu no ensaio anterior, alguns deles faltaram à aula neste dia, então os que estavam presentes assumiram também os outros personagens. Dois alunos desistiram da apresentação, outros não poderiam comparecer à escola no período da tarde. Um dos colegas teve a iniciativa de anotar os nomes dos que confirmaram presença para o dia da apresentação. O ensaio ainda foi no palco improvisado, mesmo porque eu estava produzindo o palco oficial com materiais recicláveis com caixas de papelão, tecidos, etc. Neste dia o ensaio foi muito produtivo, as vozes estavam com mais impostação, regulada com o manuseio dos bonecos e os alunos estavam mais bem familiarizados com a sequência das falas dos personagens.

k) Décimo Primeiro Encontro



Atividade proposta: apresentação da peça teatral no turno vespertino para a comunidade escolar. Ao chegar à escola, me deparei com alguns alunos à espera, que prontamente se dispuseram a me ajudar com o material para a montagem do palco no pátio da escola e na colocação das cadeiras ao redor do palco. A professora substituta dos anos iniciais se ofereceu para a instalação do som e microfones, a orientadora contribuiu com os alunos na montagem do palco e na filmagem da apresentação. Dos vinte e três alunos da turma, quinze estiveram presentes, sendo que alguns dos que confirmaram a presença não puderam comparecer, todos ficaram dispostos atrás do palco, cada um de posse dos seus bonecos, à espera da fala dos personagens. A estagiária da turma também estava presente e contribuiu para a organização dos alunos atrás do palco. Todas as turmas do turno vespertino já haviam sido convidadas e avisadas da apresentação com uma semana de antecedência. As professoras com suas respectivas turmas foram se acomodando em frente ao palco e os alunos uma vez de posse dos seus respectivos bonecos e falas, iniciamos a apresentação. As coisas ficaram um tanto tumultuadas, devido à falta de alguns alunos que já tinham personagens definidos no texto, precisei, portanto, substituí-los pelos os que estavam presentes.

Os alunos do turno vespertino que estavam na escola foram para o pátio apreciar a apresentação, inclusive foi possível contar com a presença de alguns pais na plateia. As crianças ficavam admiradas à medida que os bonecos surgiam no palco, riam da aparência

deles, enquanto eu narrava a história, fazia perguntas e eles interagiam com os bonecos, respondiam, riam e se agitavam. Perto do fim da apresentação desafiei alguém ir à frente do palco e falar do que estava acontecendo com os personagens na história. Duas crianças, uma do segundo ano e outra do quarto ano resolveu arriscar nas respostas, elas demonstraram ter conseguido captar o contexto da história, ou seja, de que se tratava de agressões entre colegas e os deixavam tristes, uma delas inclusive, concluiu que o bom mesmo é ser amigo e brincar com os colegas no recreio. A duração da apresentação foi de um pouco mais de uma hora, já quase no fim os alunos que estavam na plateia começaram a inquietar-se, achei por bem encerrarmos a apresentação sem questionamentos ou falar além do que estava no texto, naquele momento nos despedimos das crianças fazendo a apresentação de todos os bonecos em conjunto no palco. As professoras das turmas foram se organizando e os encaminhando para suas respectivas salas de aula.

1) Décimo Segundo Encontro



Atividade proposta: conversa informal sobre os encontros, confecções dos cartazes e exposição dos materiais produzidos. Nesse dia havia poucos alunos na sala de aula, era um dia chuvoso, e os que estavam foram convidados por mim a discutirmos a respeito dos nossos encontros e das atividades que participaram, após nossa conversa, os convidei para que confeccionassem cartazes relacionados aos encontros, eles aceitaram e no mesmo instante lhes entreguei o material para que os fizessem, em nenhum momento houve intervenção das professoras presentes, ou seja, eles estavam livres para criar. Aos poucos os desenhos foram tomando forma e desvendando o quanto durante os encontros conseguiram captar a respeito do bullying. A professora regente da turma me pediu que aos alunos faltosos a confecção de cartazes ficasse como tarefa e que ela mesma poderia aplicar, eu aceitei e pedi para ter acesso

às produções. O resultado da produção dos cartazes está logo em seguida na avaliação da intervenção.

6.2 Método de avaliação da intervenção

A avaliação da intervenção que de acordo com Damiani et al (2013, p.62) é o objetivo de descrever os instrumentos de coleta e análise de dados utilizados para capturar os efeitos da intervenção e foi pelo procedimento qualitativo, que de acordo com Ludke e André (1986, p.11) a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através do trabalho intensivo de campo.

6.2.1 Os instrumentos de coletas de dados utilizados para a avaliação da intervenção

A análise documental serviu de apoio para complementar as técnicas utilizadas nesta intervenção, pois conforme Ludke e André (1986, p.39) constitui uma fonte poderosa de pesquisador, ela se caracteriza por ser uma fonte natural de informações, surge num determinado contexto e fornece informações sobre esse mesmo contexto.

Inicialmente, como diagnóstico, busquei junto à escola a possibilidade de haver registros a respeito dos conflitos existentes na turma do quinto ano, encontrei alguns no livro ata (em datas diferentes entre os anos de 2015 e 2016), onde estavam documentados ocorridos no recreio, com a reincidência (dos mesmos alunos) nos xingamentos, nas agressões físicas para com outros colegas e também na falta de respeito para com os cuidadores do recreio. Durante a intervenção procurei monitorar possíveis novos registros em ata de conflitos entre os alunos.

Outra forma do uso da análise documental como instrumento foi no meu último encontro com os alunos, no final da intervenção onde o objetivo seria o de eles reproduzissem através de desenhos, falas, expressões em geral as situações de bullying, assim pude observar o quanto eles captaram do conflito, aproveitei para reforçar a ideia de que as pessoas tendem a usar a violência para justificar-se através de algo, mas não pode ser essência de coisa alguma. (ARENDDT, 1969, p.32). Os desenhos serão mostrados na análise de dados, na terceira categoria.

A observação, que de acordo com Ludke e André (1986, p.26) é usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, ela possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado. O investigador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado, portanto foi um instrumento de constante presença em todas as etapas da intervenção. Ainda segundo as autoras, o pesquisador pode confrontar as primeiras ideias com as que surgiram mais tarde, pode comparar as primeiras anotações com os registros feitos ao longo do estudo.

O tipo de observação neste trabalho foi participante que segundo Minayo (1999, p.59) é a técnica que se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo processo. Para a autora, a importância dessa técnica está no fato de se captar uma variedade de fenômenos e situações que não são obtidos por meio de perguntas, pois, se observados diretamente na realidade transmitem o que é de mais imponderável e evasivo na vida real.

Para o registro escrito das observações utilizei o diário de campo, que Minayo (1999, p.63) define como sendo um instrumento para se recorrer em qualquer momento da rotina do trabalho que se está realizando. A autora esclarece que o diário de campo é pessoal e intransferível, onde o pesquisador pode colocar suas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas, sendo que o seu uso deve ser constante, ou seja, do início ao fim da pesquisa. Os registros fizeram parte do diagnóstico e posteriormente somente após cada encontro com os alunos, devido o meu envolvimento nas etapas da intervenção, impossibilitando, portanto, o registro no instante dos acontecimentos, perante as circunstâncias julguei necessária utilização dos recursos auxiliares, portanto, todos os encontros foram filmados e fotografados, porque conforme Minayo (1999, p.63) são registros visuais que ampliam o conhecimento do estudo que proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano, ou seja, o uso da filmagem me permitiu reter vários aspectos do universo pesquisado, porém a autora alerta que para se desenvolver um bom trabalho de pesquisa não se pode estar limitado ao registro visual, mas ele assume um registro complementar ao projeto como um todo, neste caso, usado como recurso de auxílio para captar dados importantes, que poderiam passar despercebido durante os encontros com os alunos.

6.2.1.1 A Observação como parte diagnóstica para a intervenção

Os relatos a seguir não têm a intenção de caracterizar as crianças como vítima ou agressoras, mas para ilustrar, através de situações peculiares e reais, observadas no dia a dia escolar desses alunos. Para descrever as situações de conflitos, além das minhas observações nas aulas da educação física, também colhi relatos das observações da equipe diretiva da escola, da professora regente da turma do quinto ano dos anos iniciais (alvo da intervenção), dos relatos dos cuidadores do recreio e das próprias crianças envolvidas na intervenção. Os dados foram devidamente anotados no diário de campo e os nomes foram criteriosamente modificados para tipos de flores, a fim de preservar a identidade dos alunos.

“Professora, exclama Arquilégia², hoje eu não vou para a educação física (pausa para choro). Outro colega da turma explica: - ela não vai porque a Bardana e a Hortênciã (nomes fictícios) bateram nela e colocaram areia dentro da sua roupa, na hora do recreio.” (DIÁRIO DE CAMPO, 2015)³

Nas minhas aulas a aluna, em questão, sofre com os ataques dos colegas sem revidar (expressa seus sentimentos através do choro e do isolamento), na maioria das vezes os colegas não querem incluí-la nas brincadeiras, ela costuma não participar das atividades, geralmente inventa desculpas.

No recreio normalmente fica só e não interage com outros colegas (são as falas dos cuidadores do recreio), ela sofre agressões verbais e exclusão especialmente de um colega que sempre a persegue (relato da supervisora da escola). Na sala de aula é uma aluna quieta e faz todas as tarefas propostas (relato da professora regente da turma).

Begônia (nome fictício) agride verbalmente um colega da turma, que prontamente revida a agressão com uma tapa, ela devolve o tapa, logo é agredida a ponta pé e outros colegas, que a xingam. Ela tenta se defender de todos, mas em vão. A professora intervém, Begônia juntamente com os colegas, envolvidos na confusão, é levada à direção. (DIÁRIO DE CAMPO, 2015)

Begônia¹⁰ é uma garota falante, espontânea e inteligente, está sempre em volta das professoras, é possível perceber que na maioria das vezes é excluída pelos colegas das brincadeiras e/ou outras atividades propostas dentro e fora da sala de aula. No recreio fica isolada, porém investe em alguns contatos, mas não tem retorno dos colegas (declaração dos cuidadores do recreio), normalmente tenta revidar às agressões sofridas (declaração da professora regente da turma).

“Na brincadeira ela (Aquilégia) não vai entrar, pois assim eu (Cravo Púrpura)¹¹ não brinco. Essa garota é ridícula e não sabe brincar. Se ela entrar eu vou machucá-la.” (DIÁRIO DE CAMPO).

A fala descrita acima é de um aluno que sempre perseguiu a aluna em questão. As negociações para que os dois estejam juntos em alguma atividade é deveras difícil. A implicância com a colega de classe ultrapassa limites e a faz chorar, pois em todos os momentos Aquilégia é provocada por seu colega, que a insulta, ri dos seus comentários e a ridiculariza perante outros colegas da turma (relatos da professora regente da turma). Ela nunca o revida, somente chora e se exclui das atividades propostas dentro e fora da sala de aula, nas aulas de educação física pede para somente cuidar dos materiais que são levados à quadra, afim de não participar das atividades com a turma.

6.2.1.2 A observação durante o processo da intervenção

As observações durante o processo da intervenção me oportunizaram captar e analisar as reações dos alunos em todos os encontros e na possível evolução no reconhecimento das nocividades que a prática do bullying pode acarretar para os seus envolvidos, ou seja, a cada atividade proposta e construída junto aos alunos, eles foram demonstrando melhor entendimento a respeito do conflito. Nesse sentido, os encontros foram divididos em três momentos, associados de acordo com as semelhanças nas propostas e objetividades, dessa

¹⁰Begônia (Timidez, inocência, lealdade no amor); Cravo Púrpura (antipatia, capricho). Diário de campo do dia doze de maio de 2015. Fonte: <http://www.floresjardim.com/significado-flor.htm>

¹¹Cravo Púrpura: Antipatia, capricho. Fonte: <http://www.floresjardim.com/significado-flor.htm>

forma a observação teve um sentido mais centralizado, assim, ficou melhor organizar os dados observados. Segue a forma da organização dos encontros:

Do primeiro ao quarto encontro trabalhei com eles a introdução teórica ao bullying, além da escolha e execução de brincadeiras; do quinto ao décimo primeiro encontro as atividades estiveram voltadas para o processo de criação do teatro de bonecos com os alunos; no décimo segundo encontro busquei junto aos alunos o resultado das suas opiniões a respeito dos encontros, demonstrados na fala, na escrita, nas expressões, em geral e posteriormente houve a exposição na escola de todo o material produzido, ou seja, dos fantoches aos cartazes por eles criados.

Nessa intervenção os alunos participaram de atividades diversas, sendo que os encontros aconteceram no horário das aulas, com exceção de dois encontros que sucederam no turno contrário, um para a produção do texto teatral e outro para a apresentação do teatro. Da escolha das brincadeiras à formação do processo teatral, ou seja, da produção do texto, da confecção dos bonecos e da montagem do palco para apresentação do teatro, em todos os momentos procurei estar em integração com os alunos afim de evitar imposições que de acordo com Freire (1987, p.60) evita dificultar o desenvolvimento do pensamento dos educandos para não gerar neles um pensar tímido. Junior (2005, p.73) informa que o importante não é o produto final obtido, não é a produção de boas obras de arte. Antes, a atenção deve recair sobre o processo de criação. O processo pelo qual o próprio educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo à sua volta. A finalidade da arte-educação deve ser sempre, o desenvolvimento de uma consciência estética.

6.2.2 Análise dos dados

O resultado da descrição foi pelo processo da análise textual discursiva, que de acordo com Moraes (2003, p. 204) pode ser caracterizada como uma metodologia na qual, a partir de um conjunto de textos ou documentos, produz-se um meta-texto, descrevendo e interpretando sentidos e significados que o analista constrói ou elabora a partir do referido corpus que podem ter sido textos produzidos especialmente para a pesquisa (transcrições de entrevistas, registros de observação, depoimentos produzidos por escrito, anotações e diários diversos), ou podem ser documentos já existentes previamente (relatórios diversos, publicações diversas como editoriais de jornais e revistas, resultados de avaliações, atas e outros). Ainda para o

autor, os materiais analisados constituem um conjunto de significantes, em que o autor atribui a eles significados sobre seus conhecimentos e teorias e ao se referir a textos, ele relaciona um sentido além das produções escritas, o que inclui as imagens e outras expressões linguísticas, além disso, a descrição da análise realiza-se através de categorias, fundamentando e validando essa descrição, a partir de interlocuções empíricas ou ancoragem dos argumentos em informações retiradas do texto. A análise textual discursiva foi dividida em três categorias descritas abaixo.

6.2.2.1 Primeira Categoria - Reações durante a intervenção

Dos alunos

Já no primeiro encontro demonstraram conhecer a palavra bullying, porque, segundo eles, ouviram essa expressão algumas vezes na escola e nos meios de comunicação, no entanto, foi possível perceber, através das reações de deboches e brincadeiras, o quanto essa manifestação de violência pareceu, naquele instante, insignificante e banal para eles, simplesmente brincadeiras entre colegas. Arendt (1969, p. 07) esclarece que muito embora a violência sempre desempenhasse um grande papel nas atividades humanas, ela e sua arbitrariedade aparecem como fatos corriqueiros e negligenciados, nesse sentido as atitudes de alguns dos alunos foram as de se mostrarem indiferentes ao “brincarem” com a situação e até mesmo arriscarem palavras de deboche à medida que eu procurava explicar alguns significados sobre bullying, no entanto, após o esclarecimento da gravidade a cerca do assunto, houve maior seriedade na apresentação dos grupos, quanto à descrição das imagens. Notei a dificuldade deles quando os desafiei a escolherem uma brincadeira que pudessem relacionar ao bullying, mas rapidamente escolheram a brincadeira (“a raposa e os pintinhos”) sendo capazes, portanto de fazer a associação com o bullying reconhecer os personagens associando-os aos da brincadeira, embora estivessem ainda no segundo encontro. Ao serem questionados de o porquê da brincadeira, ou seja, qual significado podia se tirar da atividade traduzindo para a realidade do bullying, duas respostas considerei estarem mais bem associadas: “a raposa seria tudo de ruim do bullying, a galinha a solução, ou seja, a salvação e os pintinhos todos os alunos”; uma aluna disse que a raposa conseguiu pegar quase todos os pintinhos, nesse caso grande parte dos alunos poderiam ser vítimas, sendo que poucos

conseguiram se salvar, nessa oportunidade pontuei que, embora muitos possam ser pegos pelas armadilhas da prática do bullying, também houve o exemplo dos que conseguiram se livrar.

No terceiro encontro as ideias pareciam estar mais claras para os alunos a respeito das características do bullying, essa percepção veio a partir das colocações nos primeiros quinze minutos antes da atividade do dia, porque as falas e respostas estavam mais elaboradas, com ideias bem mais definidas. Passado o tempo do debate, fomos assistir ao filme, este que teve grande impacto na reação deles, principalmente nas cenas das agressões que lhes causaram inquietação diante do silêncio da vítima, naquele instante houve comentários, demonstração de revolta quanto das agressões à vítima. Um dos alunos questionou num tom de revolta, por que ninguém se prontificava a ajudar? Nesse momento pontuei e proferi a explicação de Fante (2010, p.49) de que é uma reação comum de a vítima esconder dos pais e da escola as agressões que sofre. Também é comum que outros alunos apoiem ou participem dos maus tratos ou mesmo que nenhum dos alunos sairá em sua defesa, muitas vezes a própria vítima acredita que é merecedora dos ataques.

Ao final, adiantei aos alunos de que fariam no outro encontro, a brincadeira do “tribunal do júri”, no intuito de simularem o julgamento de uma situação de conflito. Eles aceitaram e gostaram da proposta. No dia da atividade e após uma breve explicação a respeito de como funcionava um tribunal, começaram a encenação, eles se basearam muito nas ideias do filme que assistiram.

Dos professores

Três professoras tiveram a oportunidade e puderam participar do processo da intervenção, no entanto, embora em pequeno número elas trouxeram contribuições significantes na integração e participação das atividades com os alunos, ressalto que estivemos eu e a estagiária em todos os encontros durante a intervenção, enquanto que a professora regente da turma, em dois dos encontros, precisou ausentar – se como no dia do “tribunal do júri” que contamos, portanto, com a presença e colaboração da professora substituta. De um modo geral, pode se perceber a integração das professoras durante o processo da intervenção, dada a relevância da problemática do bullying, havia uma

preocupação e o interesse para que tudo desse certo, de modo que o objetivo fosse atingido e os alunos conseguissem, de fato, reconhecer as nocividades que a prática do bullying pode acarretar para os seus envolvidos. As professoras não foram indiferentes durante o processo da intervenção e muitas vezes tiveram que chamar a atenção dos alunos para que se focassem no trabalho proposto, em nenhum momento houve o papel de professoras autoritárias, como nas ideias de Freire (1987) e já descrita anteriormente de que o professor precisa encorajar o aluno, produzir confiança e não ser autoritário para não se tornar intolerável. Em alguns momentos elas tomaram a liberdade de exporem opiniões a respeito das atividades, como no caso da professora regente que opinou para deixar em outra atividade os alunos que não se comprometeram em retornarem com o termo de consentimento assinados, neste caso é preciso ressaltar que antes de tirá-los da atividade do dia, tivemos o cuidado em explicar o porquê da atitude afim de não causar constrangimento, essa ação trouxe retorno imediato, porque os alunos se comprometeram e enfim trouxeram os termos assinados, podendo continuar nos encontros e conseqüentemente nas atividades propostas.

6.2.2.2 Segunda Categoria - as contribuições do processo lúdico na composição da intervenção

No início das atividades, havia a preocupação em fazer com que os alunos conseguissem associar brincadeiras com as situações de bullying, no entanto, após cada atividade, foi possível observar o quanto as brincadeiras contribuíram para que eles entendessem, assimilasse as características do conflito, ou seja, a gravidade de se estar envolvido. Santin (2001, p.55) nos revela que ao brincar a criança cria uma realidade de símbolos e sonhos que se apresenta como uma solução imediata aos problemas vividos, impossibilitada de resolvê-los de forma prática. Das duas brincadeiras, a do tribunal do júri foi a que eles pediram insistentemente para que se repetisse, por terem gostado muito. A escolha das brincadeiras (com exceção do “tribunal do júri” que foi por mim sugerida) com a opinião dos alunos e a liberdade nas falas, foi baseada na referência que Freire (1987, p.44) faz da liberdade de criação, ou seja, da não imposição, que o educador autoritário se torna intolerável quando dá a si mesmo o direito de comportar-se como o proprietário da verdade, pois o espaço do educador democrático é o de quem aprende a falar escutando, que a importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental para se escutar como sujeito e não como objeto e falar com comprometimento em comunicar-se e não fazer comunicados.

Também para Santin(2001, p.26) o prazer e a criatividade somente conseguem manifestar-se como liberdade, para ele o brincar não é apenas um sentimento, um prazer, mas um conjunto de valores que são experimentados por aquele que brinca, experiência que é, no fundo, estritamente pessoal, que a vivência do ato de brincar se traduz em alegria. Quem brinca sente-se possuído pela a alegria de fazer o que faz.(Idem, p.57).

Do quinto ao nono encontro no processo da criação do teatro houve oportunidade de se trabalhar mais profundamente a questão do bullying, mesmo porque houve muitos encontros para a produção específica dessa proposta, portanto, não se configurou uma atividade fácil, porque diferentemente das outras brincadeiras, a estruturação do teatro precisou passar por todo o processo de criação e era algo desconhecido e fora da realidade dos alunos, assim foi necessário reunir a criatividade, enfrentar o desafio. Independente da experiência do saber, a produção do texto, por exemplo, estava na ideia da autora Maria Clara Machado (1965, p.10), ao criticar os adultos quando tendem a achar que as crianças são bobas, escrevem para elas como se não entendessem nada. Como a proposta era a de se trabalhar a integração professora e alunos o desafio tornou-se muito desejado e curioso, pois ninguém tinha a certeza se todo o processo daria certo.

Na intenção de se trabalhar com teatro de bonecos, no início pensei em fantoches fabricados, o que facilitaria e muito para se ganhar tempo e ter a certeza de que a produção dos fantoches sairia perfeita, porém era preciso apostar na criatividade dos alunos, acreditando na ideia de Santin (2001) já referida nesse texto, de que a criança precisa criar seus próprios brinquedos e não possuir algo já produzido que tenha ações determinadas. Diante dessa certeza e apostando no poder criativo infantil, reuni materiais recicláveis, levei-os para os alunos e eles, criativamente, construíram os bonecos. Durante os encontros, pode-se notar o empenho dos alunos em procurar fazer as caracterizações, conforme os personagens baseado nas suas escolhas, um ajudava o outro, emprestavam materiais, elogiavam, riam, brincavam, assim todos conseguiram terminar os bonecos. Houve problemas na montagem do texto para o teatro, pois também seria uma produção com a participação deles, no entanto, transformou-se num considerável desafio porque as ideias pareciam não fluir, não havia uma concatenação, ainda assim, com perseverança e incentivo, se obteve excelentes resultados baseados nas ideias de alguns dos alunos. Para a criação do texto tivemos que considerar vários fatores como: a intenção de mostrar situações de bullying entre crianças e que a história se passaria na própria escola, lugar desta intervenção, a dúvida para a apresentação foi a questão de os alunos serem de idades e turmas diferentes, o que poderia prejudicar no

entendimento, principalmente das crianças menores, porém Szllagui ponderou essa dúvida porque:

(...) as crianças pequenas precisam, sem dúvida, de conflitos dramáticos diferentes daqueles destinados à crianças maiores; mas no que diz respeito aos sentimentos de perigo e medo, uma angústia endêmica, está infelizmente presente em todas as crianças, como em todos os homens de hoje. A ação dramática, quando atinge um nível elevado, poderá, pois, ajudar a criança, permitindo que venham à tona esses núcleos de angústia que a oprimem, libertando – a e orientando a alma infantil para esperanças confortadoras. (SZLLAGUI, 1965, p.03).

Foram dois ensaios num palco, antes do dia para a apresentação no turno vespertino. Temendo a falta de um número considerável de alunos no dia da apresentação, os incentivei a trabalharem a improvisação nas falas sem sair da ideia do texto, quando julgassem necessário. A apresentação durou, em média, quarenta minutos e a ideia de as crianças irem à frente do palco esteve assegurada em Heliodora (1965, p.07) que considera preciso dar um crédito de confiança ao público infantil, porque a grande maioria é capaz de tirar as próprias conclusões do que viu. Duas das crianças se prontificaram, foram à frente e falaram ao público e do jeito simples delas tentaram relatar o que entenderam da apresentação.

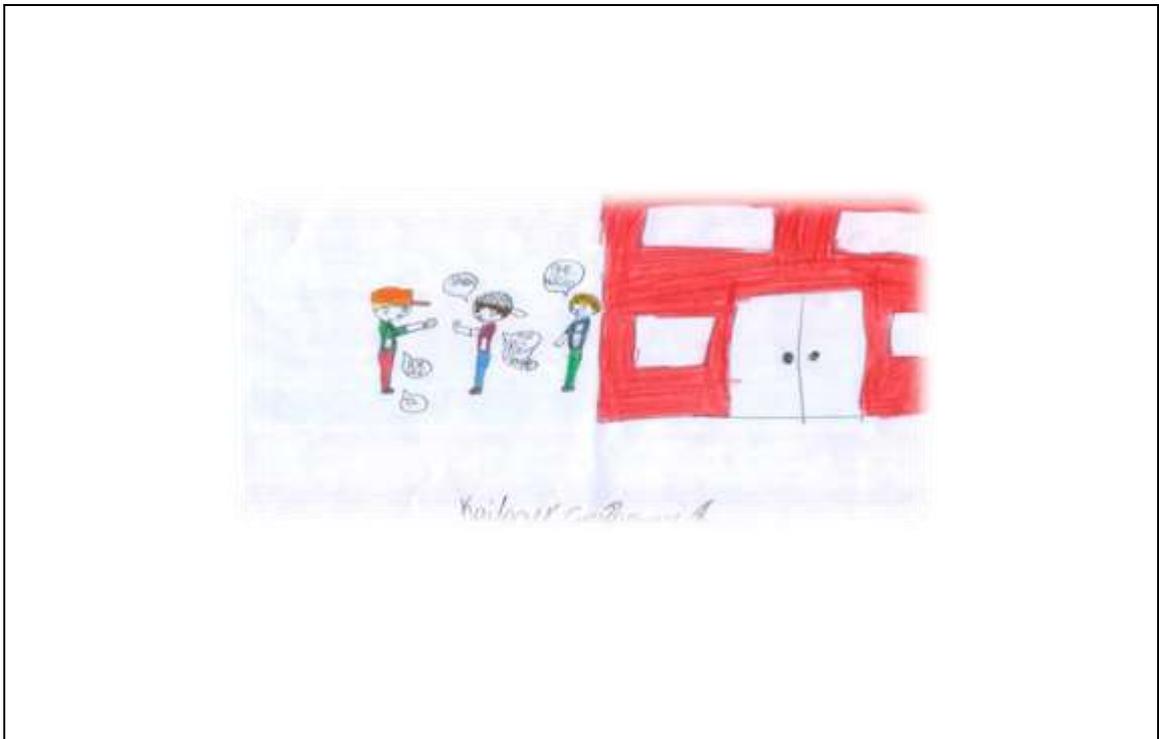
6.2.2.3 Terceira Categoria - resultado da intervenção de acordo com as falas e ações dos alunos participantes

Essa categoria é composta especialmente pelo décimo segundo encontro, sendo, portanto, o resultado das opiniões dos alunos a respeito de tudo o que tinham vivenciado durante a intervenção, demonstrados na fala, na escrita e exposição do material produzido.

Os alunos opinaram a respeito dos encontros, das atividades, enfim a ideia geral do que puderam perceber. Essa oportunidade de um diálogo sem imposição, mas de forma livre esteve baseada na ideia de Freire (1997, p. 45) como algo que vai além da possibilidade de cada um, pois significa a disponibilidade de um sujeito dar oportunidade à fala do outro, e que isso não significa uma auto anulação, ele tem o direito de discordar, de se opor, de se posicionar, pois é escutando que se tem um preparo para melhor se situar do ponto de vista das ideias, sem preconceitos, sem ser uma fala autoritária. Na oportunidade, os alunos falaram livremente, um de cada vez, numa conversa sem regras, sem cronograma. A eles fiz as

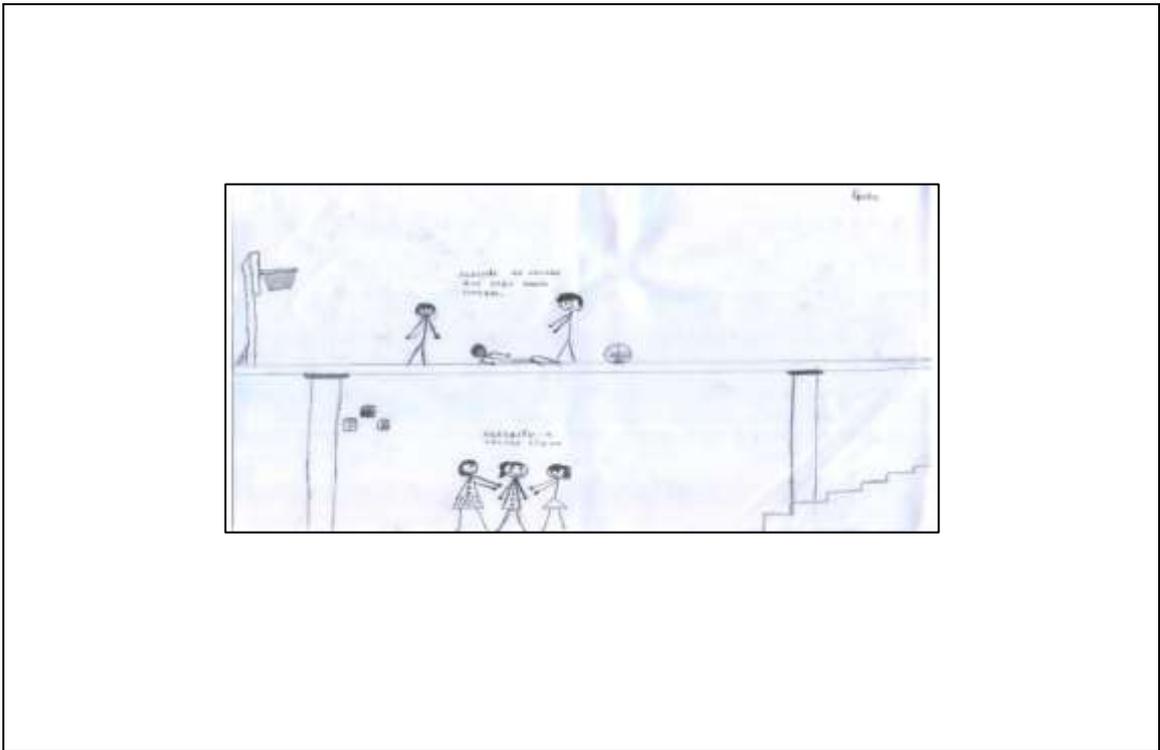
seguintes perguntas: a) *Como foram os encontros para vocês?* Alguns pensaram na resposta, outros não quiseram responder e os que responderam o fez de modo muito simples, com poucas palavras, como: 1) *Foi legal!* 2) *Eu gostei muito!* 3) *Aprendi muito sobre o bullying, gostaria que repetisse a brincadeira do júri! Eu gostei muito do teatro!* 4) *Eu achei muito legal os encontros, mas achei o filme muito triste!* 5) *Eu amei as brincadeiras e a sessão de cinema!* B) *O que vocês puderam entender sobre o bullying?* 1) *o bullying pode causar a morte das vítimas.* 2) *eu aprendi que podemos fazer algo de ruim com os colegas e dependendo do que é falado, a pessoa nunca esquece.* 3) *a criança que sofre o bullying precisa procurar ajuda e não ter medo de falar com seus familiares.* Abaixo estão os desenhos produzidos pelos alunos no último encontro. De forma muito simples eles conseguiram reproduzir o entendimento sobre o bullying e á medida que iam entregando os desenhos, foram instruídos a comentar sobre o que tinham feito, ou seja, o significado do desenho.

Desenho1



Explicação da aluna: “um colega defende o outro que estava apanhando.”

Desenho4



Explicação do aluno: refere – se à agressão a uma aluna tímida e a um aluno que tem talento para o basquete.

7 REPERCUSSÕES DA INTERVENÇÃO

A repercussão desse trabalho iniciou ainda no processo para a qualificação, quando houve a oportunidade de apresentá-lo a professores de escolas públicas do Município de Jaguarão, Rio Grande do Sul, através de um projeto coordenado pelo professor Bento Selau, onde procurou a integração entre os mestrandos da Unipampa e escolas públicas do Município, nesse caso a ideia principal sobre o bullying pode ser compartilhada com os professores de duas escolas. Naquela ocasião, muitas impressões a respeito do que já se tinha a respeito do bullying escolar puderam ser comparadas com as realidades das escolas, baseadas nas falas dos professores, o que fez enriquecer a ideia de que esse conflito pode ser mesmo uma realidade constante nas escolas, independente da localidade.

Finalizado o processo de intervenção na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio, recebi uma proposta da diretora para que o trabalho continuasse como parte integrante de um projeto de gestão pensado no ano de 2015 com início de aplicação no ano de 2016, intitulado: “Além das fronteiras do meu eu”, que objetiva

oportunizar aos educandos conhecer seus limites pessoais e sociais, buscando uma perspectiva de uma vida sustentável, desenvolvendo uma conduta solidária e humanitária. A ideia seria de que a intervenção pudesse ser trabalhada de acordo com a realidade de cada turma dos anos iniciais. Proposta aceita, a continuação dos trabalhos ficou para o segundo semestre do ano de 2016.

Na semana seguinte ao encerramento dos encontros e durante minhas aulas de educação física, na oportunidade de estar com os alunos do turno vespertino que assistiram à apresentação procurei coletar mais informações do que eles acharam da apresentação. Muitos ficaram encantados com os bonecos, acharam engraçados, falaram que a prática do bullying é ruim, uma ou outra arriscou confessar que as atitudes dos personagens também faziam parte da realidade delas, algumas brincaram com a situação, no entanto, tiveram aqueles que não entenderam o que estava acontecendo com os personagens, enfim foram diversificadas opiniões, expressões, confissões, mas todas elas disseram ter gostado do teatro, inclusive pediram para que houvesse outras apresentações. No dia após a apresentação a diretora da escola propôs que o projeto fosse trabalhado em cada turma, pois para ela o trabalho não poderia ficar somente numa apresentação, devido a relevância do tema.

Passados alguns dias após a finalização dos trabalhos fui em busca de alguns depoimentos a respeito do resultado da intervenção, ou seja, os efeitos que causou ou não aos participantes, fui ao encontro da professora regente da turma, que deu como exemplo a melhora da situação da aluna “Begônia” (aluna referida no texto); na ocasião também tive a oportunidade de estar com a mãe da “Begônia”; com dois alunos da turma; com um dos cuidadores do recreio.

- Você percebeu alguma mudança no comportamento dos alunos depois dos encontros?

Professora regente: sem dúvida! inclusive a garota (Begônia) que era diariamente hostilizada, já não é mais, um outro aluno que também era constantemente hostilizado, especialmente no recrio estava mais tranquilo e sem fazer queixas dos colegas que o agrediam.

- Você, após os encontros, consegue entender o que é bullying?

Aluna: sim entendo, entendo que não se pode agredir os colegas e que devemos respeitá- los.

- Sua filha participou de um projeto a respeito do bullying. A senhora sabe me dizer o que significa?

Mãe: ela me disse que estava participando de algumas atividades com outra professora, mas eu não sabia o que era.

- A senhora notou alguma mudança no comportamento da sua filha nos últimos dias e que tenha lhe chamado a atenção?

Mãe: sinceramente eu não notei diferença.

- O senhor, por esses dias, notou alguma diferença no comportamento dos alunos do quinto ano no horário do recreio?

Resposta: olha professora, de fato notei que os alunos que estão sempre envolvidos em confusão, não se destacaram mais, ou seja, não foi preciso chama-los a atenção como eu fazia antes, porque era demais, eles não respeitavam os colegas, menosprezavam, se achavam melhores que os outros, de qualquer forma, vou ficar mais atento a eles e aí eu lhe falo.

Oi! Como estão as questões a respeito do bullying? Ainda lembra do trabalho, do projeto?

Aluno: claro, lembro sim. Vou saber melhor agora que voltamos das férias, pois eu cortei o cabelo, quero saber como eles vão me tratar.

8 AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO

A ideia inicial para a intervenção na escola João Thiago do Patrocínio a fim de atingir o objetivo proposto, de se trabalhar em integração com os alunos partiu de ações que priorizaram o diálogo espontâneo.

Não há diálogo no espontaneísmo como no todo-poderosismo do professor ou da professora. A relação dialógica, porém, não anula, como às vezes se pensa a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender, e ambos só se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto, do educador ou da educadora não freia a capacidade de criticamente também pensar ou começar a pensar do educando. pelo contrário, quando o

pensamento crítico do educador ou da educadora se entrega à curiosidade do educando. (FREIRE 1987, p. 60).

Num primeiro momento necessitei retomar a proposta com os alunos, pois no ano anterior havia sido uma sugestão, sem uma clara definição do tempo e de quando iriam se iniciar as atividades relacionadas ao bullying. Essa retomada da proposta foi importante para a explicação das ideias da intervenção não só para os alunos do ano anterior, mas também para os novos alunos da turma. Minayoet al (1994, p.55) coloca a importância de se apresentar a proposta de estudo aos grupos envolvidos, a fim de se estabelecer uma situação de troca. Para a autora os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que se pretende investigar. Como havia acontecido numa primeira proposta, os alunos se mostraram interessados em começar o projeto e todos, sem exceção, aceitaram participar.

Algumas foram as dificuldades encontradas, dentre elas a de como seriam os encontros, ou seja, como seriam organizadas as atividades com a turma, sem que prejudicasse o horário da aula. Precisei, então, buscar a ajuda da escola, neste caso a equipe diretiva propôs que fossem no horário em que os alunos estivessem em aula. Outro fator complicador foi o de os alunos do quarto ano, que estudavam no turno da tarde, ao passarem para o quinto ano, foram para o turno da manhã, além de estarem acompanhados por uma professora estagiária, neste caso necessitei fazer uma negociação com a equipe diretiva, a professora regente da turma e principalmente com a estagiária, para que esta não fosse prejudicada no seu estágio. Entreguei a ela, assim como para a professora regente e a equipe diretiva, um cronograma com todas as atividades propostas da intervenção e uma vez aprovado pela supervisão de estágio, iniciei o projeto.

Na semana anterior ao primeiro encontro, passei para a professora regente da turma os termos de consentimento personalizados a serem entregues aos alunos e assinados pelos responsáveis legais, de modo que uma cópia assinada por mim ficasse de posse deles. Na mesma semana a professora regente conseguiu colher 90% das autorizações assinadas.

Foram combinados com os alunos e a professora regente dez encontros, que seriam os da proposta inicial do projeto, duas vezes na semana (segundas-feiras e quartas-feiras) com uma hora de duração. No entanto, como dito anteriormente, necessitou-se de mais dois dias, inclusive uma sexta feira, totalizando doze encontros, essa necessidade foi percebida no início da confecção do teatro, no quinto encontro. Em todos os momentos da intervenção busquei o envolvimento dos alunos, desde a escolha das brincadeiras à produção do texto do teatro.

Esses encontros a mais foram necessários devido às dificuldades na produção do texto para o teatro de bonecos.

Devido às dificuldades pensei na desistência de construir o texto com os alunos e buscar somente o auxílio de uma colega professora de letras da própria escola, mas essa desistência geraria uma frustração por fugir da ideia de se trabalhar todas as etapas da intervenção com eles, não desmerecendo a ajuda dos outros profissionais e colegas da escola, que também contribuíram para a estruturação desse trabalho, enfim, apesar das dificuldades que pude perceber de os alunos concatenar as próprias ideias, ainda assim resolvi insistir e optar por aumentar o número de encontros e registrar as ideias que eles iam expondo. Essa insistência foi muito proveitosa, porque dois dos alunos conseguiram produzir textos que acrescentaram para as falas e as ideias dos personagens do teatro. Os encontros extras revelaram também o quanto os alunos puderam extrair e compreender da dinâmica do bullying.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se por esse trabalho que de fato bullying é uma realidade, com presença constante dentro das escolas, as pesquisas feitas para que essa intervenção ocorresse comprovaram isso. Bullying é um fenômeno mundial, de dados preocupantes e sem uma solução definida, pois todas as iniciativas para o enfrentamento desse conflito estão voltadas para a realidade do lugar onde é identificado, dependendo muito do contexto, do público e do problema.

Apesar dos indícios de ser um mal social, as ações que se configuram como bullying são deveras ignoradas. Quantas pessoas que mesmo não admitindo, carregam traumas por toda a vida, por ter sofrido assédio moral constantemente? Como o indivíduo poderia viver feliz e seguro sendo diariamente ofendido, maltratado por colegas na escola sem que haja qualquer motivo para isso? Pode-se imaginar a angústia de uma criança ou adolescente em ter que enfrentar, sem ter forças físicas ou psicológicas para isso, um ou mais agressores à sua espera na escola, apoiados por outros colegas e muitas vezes por professores? Diante de tanto sofrimento muitos têm como saída o isolamento, e não raramente o suicídio.

As buscas de estudos para a comprovação das questões do bullying revelaram que de fato é um problema mundial, que requer uma atenção especial de toda a sociedade, mesmo porque como no Brasil, onde se diz que é uma realidade com pouco tempo de divulgação, ainda assim não se pode esperar por ações concretas que neutralizam casos de violência divulgados pela mídia. Prova do “engatinhamento” das ações, inclusive governamental, está na criação da Lei 13185 de 2015 que define o combate ao bullying escolar, ou seja, uma Lei pequena para um problema grandioso. As situações de descaso podem estar na falta de respostas para os seguintes questionamentos: como se deu o debate para a criação dessa Lei? E se houve um debate, ou mesmo um encontro, quais foram as pessoas estudiosas do fenômeno convidadas para esse debate? Em quais estudos recentes a Lei se configura? Quais serão as ações concretas para se combater o bullying? Como serão definidas as reais situações de bullying? A quem cabe julgar se determinadas atitudes poderão ser nomeadas e caracterizadas como bullying?

É devidamente notável o quão insignificante o bullying parece ser para o poder público, para a sociedade como um todo se considerarmos que nesse instante é impossível ter respostas para boa parte ou mesmo a parte como um todo desses questionamentos, porque a própria legislação se mostra falha e se torna prova dessa insignificância.

Foram muitas descobertas frustrantes à medida que esse trabalho era constituído, a primeira delas foi perceber o quanto o bullying pode ser devastador na vida das crianças, ainda que elas sejam pequenas, que ao trazer Hanna Arendt para esse debate a respeito da violência se configurou em algo deveras atual, que a forma como ela tratou da violência especialmente das ações entre adultos, pode ser reportada com propriedade para ações atuais que também envolvem as crianças. Em segundo lugar a falta de ações diárias em todos os setores da sociedade, seja nas famílias, na mídia, na escola, mesmo porque ações de violências entre as crianças são diárias. Diante dessa realidade a quem caberia intervir nessas questões? E voltando à pergunta anterior: como as pessoas poderão estar preparadas para essa intervenção, ou mesmo, como elas poderiam perceber de fato quando se trata de uma situação de bullying? Que tipos de sanções deverão existir? A escola está de fato preparada para combater o problema? Dentro da escola, lugar dessa intervenção, os desafios enfrentados foram os de provocar a aceitação da equipe diretiva, da professora regente da turma, das famílias e dos alunos. Passado o processo de aceitação dos adultos, notou-se que ao tratar com as crianças o fato de conhecê-los contribuiu para se pensar em estratégias que envolvessem atividades prazerosas das quais eles gostassem, portanto, os jogos voltados para competição estavam desconsiderados, dessa forma surgiu a ideia de atividades lúdicas e integradas para a abordagem do bullying, o que facilitou à abertura ao diálogo entre professora e alunos. Todo o conjunto de ações que envolveram os alunos foi no intuito da valorização das suas ideias, da troca de saberes, das experiências e por consequência notou-se o fortalecimento das relações entre os envolvidos, essas ações foram encorajadas e baseadas também nas ideias de Paulo Freire, nas ideias dos cadernos de teatro de Maria Clara Machado que contribuíram também para o aprofundamento nos conhecimentos teóricos e práticos de atividades como as do teatro de bonecos que se tornou um grande desafio, porque o novo de fato pareceu estranho e assustador num primeiro momento, mas, aos poucos, se tornou acessível e uma valiosa ferramenta para se conseguir atingir o objetivo.

As preocupações provocadas pelas graves consequências do bullying, a análise documental (registro em ata de conflitos envolvendo alunos da turma do quinto ano, inclusive ações reincidentes ocorridas no momento do recreio), as observações, relatos dos professores e alunos, foram agentes motivadores para a intervenção. Vale destacar que durante o processo da intervenção não houve registro em ata de momentos conflituosos entre os alunos do quinto ano.

No princípio, a ideia de se trabalhar com variadas atividades lúdicas, num número grande de encontros, focando sempre as questões de bullying, parecia ser algo enfadonho, no entanto, foram encontros muitos produtivos, onde todos prontamente participaram, ou seja, em nenhum momento houve aluno que tenha reclamado ou mesmo se negado a participar das atividades, salvo no dia da apresentação do teatro, com algumas desistências por variados motivos. Trazer para esse projeto atividades com brincadeiras foi a estratégia usada pensada e usada afim de chamar a atenção dos alunos, sendo que o fato de eles terem contribuído para a escolha das brincadeiras e na produção do teatro, tornaram, de fato, os encontros mais interessantes e prazerosos. Diante dessa constatação notou-se o quanto os alunos assimilaram do assunto, que o bullying, inicialmente, motivo de chacotas para eles logo no início da proposta da intervenção, de atitudes violentas vistas como ações corriqueiras, confirmando as ideias de Hanna Arendet, passou a ser algo comedido, ao menos, perceptível nos encontros e posteriormente comprovado pelos relatos aqui já descritos, principalmente através das observações da professora regente da turma, que convive diariamente com eles. Nessa perspectiva, acredita-se que situações que resgatem lembranças ou vivência de bullying desencadearão mecanismos de reconhecimento das nocividades que poderão resultar dessas situações, que foi o objetivo desse trabalho. Os desenhos feitos pelos alunos mostraram uma sensibilidade à respeito das percepções, da forma como eles conseguiram retratar situações do cotidiano, não só do que viram nos encontros, mas do que vivenciavam, de momentos reais da vida escolar deles.

Além de enriquecedor e gratificante, essa intervenção certamente trouxe a oportunidade de provocar não só a percepção dos alunos a respeito das nocividades do bullying, mas também a de todos os que estiveram envolvidos e contribuíram para esse trabalho, prova dessa afirmação está na oportunidade de aprimorar esse projeto para se tornar parte integrante de um trabalho a longo prazo dentro da escola João Thiago do Patrocínio e posteriormente em outras escolas, trazendo, portanto, a oportunidade de ações mais efetivas e por consequência o acompanhamento de resultados mais evidentes, com desafios a despeito de todos os questionamentos aqui descritos que deverão ser debatidos, acertados para não provocar erros ou mesmo causar ainda mais injustiça além das que estão embutidos no próprio contexto do bullying. Quanto aos pais e professores, vale ressaltar que é preciso se pensar em desenvolver uma relação de confiança com a criança, ouvi-los, dar atenção ao que querem dizer, não negligenciar suas atitudes e reações e ao poder público, certamente há muito para ser feito, com a reformulação da Lei através de convocações para debates na intenção de ações

concretas e conjuntas, inclusive exemplos de programas e ações que deram e estão dando certo em outros países, pois para especialistas no assunto a melhor forma de combater esse mal é através da prevenção, num trabalho conjunto entre família, escola, sociedade e o poder público.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **O bê-a-bá da intolerância e da discriminação**. Brasília, DF: Unicef, 2002. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf>. Acesso em: 20/06/2015.

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A.L.; CALAF, P.P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2009. 496p.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, 2003. 88p.

ABRAPIA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE APOIO E PROTEÇÃO À CRIANÇA E ADOLESCENTES. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-100.pdf>>. Acesso em: 08/07/2015

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

BBC BRASIL. **Autor de massacre levava vida solitária**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070418_virginiacoreanoperfil_ac.shtml>. Acesso em: 20/07/2015

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Teatro hoje. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A, 1982. 64 p.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui-se o programa de combate ao bullying em todo Brasil e define-se como intimidação sistemática. Brasília, DF, Publicação no DOU n.º 213, de 09.11.2015, Seção 1, página 01/02.

COBRA, R.Q. **A arte de representar no teatro escolar**. 2006. Disponível em: <<http://www.cobra.pages.nom.br/ecp-teatroatores.html>>. Acesso em: 25/07/2015.

COVEY, Stephen. **Os sete hábitos das pessoas muito eficazes**. Rio de Janeiro: Best Seller, 1989. 217p.

CUNHA, E. O. **Almanaque de Brincadeiras**. Disponível em: <<file:///C:/Users/Alessandra/Desktop/ALMANAQUE%20DAS%20BRINCADEIRAS.pdf>>. Acesso em: 20/07/2015.

DAMIANI, M. F.; ROCHEFOR. R. S.; FONSECA, R.; DARIZ, M. R. Discutindo pesquisas do tipo intervenção. Caderno de Educação FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, n. 45, p. 57-67, jul/ago, 2013.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 7ª ed. Campinas, SP: Versus Editora, 2012. 224p.

FERREIRA, A.B.H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010, p. 475.

FISCHER, R. M. **Bullying escolar no Brasil**: relatório final. São Paulo: CEATS/FIA– Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor; FIA – Fundação Instituto de Administração, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987. v 21.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo, SP: Paz e Terra – Coleção Leitura, 1996. 54p.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido: São Paulo, SP: Paz e Terra, 1997. 127p.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos: São Paulo, SP: Unesp, 2000. 64p.

GAVA, R. **Chacota resulta em morte do adolescente Matheus Dalvit**. 2010. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia/2010/05/chacota-resulta-em-morte-de-adolescente-2902391.html>>. Acesso em: 02/08/2015

GOMES, L.F. **Bullicídio: mais grave do que você imagina**. 2012. Disponível em: <<http://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/121924728/bullicidio-mais-grave-do-que-voce-imagina>> Acesso em: 21/01/2015.

GONÇALVES, Martim. **O mamulengo**. Cadernos de teatro – n. 34. abr/jun de 1966. 41p.
GUERRA, R. A. Torquemada; GUSMÃO, C. R. C; SIBRÃO, E. R. **Teatro de fantoches: uma estratégia em Educação Ambiental**. Disponível em: <http://www.dse.ufpb.br/ea/Masters/Artigo_4.pdf>. Acesso em: 20/10/2015.

HELIODORA, Bárbara. **A Grave responsabilidade do teatro infantil**. Cadernos de Teatro – n. 31. Julho/agosto/setembro de 1965. Publicação trimestral do INSTITUTO BRASILEIRO

DE EDUCAÇÃO, CIENCIA E CULTURA (IBECC). Redação – O TABLADO, Rio de Janeiro, Brasil, 1965.

JÚNIOR, J.F.D. **Por que arte-educação.** 16 ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. 87p.

JUQUERO, Viviane. **Bando de Brincantes: Um caminho dialético no teatro para crianças.** maio. 2014. Dissertação (Mestre em Artes Cênicas) – Instituto de Artes Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre – RS, 2014.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Claro. **O que se deve pois oferecer à criança.** Terceiro Congresso Internacional de Teatro para Criança. *Cadernos de teatro.* Rio de Janeiro: O tablado, n. 31, jul./set. 1965, p. 10.

MALDONADO, Daniela P. A.; WILLIAMS, Lúcia C. A. **Comportamento Agressivo de Crianças do Sexo Masculino na Escola e Sua Relação Com a Violência Doméstica.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 353-362, set./dez. 2005.

MANZINI, R. G. P. **Bullying no contexto escolar: prevenção da violência e promoção da cultura da paz na perspectiva de adultos e crianças.** maio de 2013. Tese (Doutora em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Brasília, Brasília – DF, 2013.

MARQUES, M. **Bullying: entenda o caso de Amanda Todd, a adolescente que cometeu suicídio por sofrer Bullying.** 2012. Disponível em: <<http://todateen.uol.com.br/souassimtt/entenda-o-caso-de-amanda-todd-a-adolescente-que-cometeu-suicidio-por-sofrer-bullying/>>. Acesso em: 02/08/2015

MIACHON, Emile. **A Abordagem cultural na prática pedagógica: análise de uma experiência com o Teatro de Bonecos em Escolas Públicas.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2006.

MINAYO, M. C. DE S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social.** In: _____ (Org.) *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.* 14^a. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Revista ciência e educação, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORETTI, G. A.; BELTRAME, V.N. **MÓION- MÓION**: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. SCAR/UEDESC, Jaraguá do Sul, ano 2, v.3, 2007.

NAZARETH, C. A. **Entrevista sobre o teatro infantil**. Out. 2000. Disponível em: <<http://cbtij.org.br/carlos-augusto-nazareth-3/>> Acesso em 16/02/2015.

NETO, L. A. A. **Bullying**: comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. (Acesso em: 02/01/2015).

NIKODEM, S.; PIBER, L. D. **Estudo sobre o fenômeno bullying em escolas de ensino fundamental e médio da região noroeste do RS**. Vivências, Rio Grande do Sul, v. 7, n.12, p.105-121, Maio/2011.

O massacre em Realengo, fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Realengo. Acesso em 12 de agosto de 2015. O massacre em virgínia. Fonte: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070418_virginiacoreanoperfil_ac.shtml>. Acesso em 12 de agosto de 2015.

OLWEUS, Dan. **Bullyng at School: What we know and what we can do**. USA: BlackwellPublishing. 1993.

PESCE, R. P et al. **Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, Mai-Ago/2004, Vol.20, n.2, p.135-143.

ROSÁRIO, A.B.; NETO, F.K.; MOREIRA, J.O. **Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica**. Barbacena, MG: EduEMG, 2011. 168p.

SALGADO, M. **Refletindo sobre o lúdico: prazeres, conflitos e equívocos**. 1991. 30 f. Monografia (Especialização em Educação Física) –Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1991.

SANTIN, S. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**.3ª. Porto Alegre: EST Edições, 2001. 114p.

SIGNORELLI, M. **Teatro na escola**. Cadernos de teatro – n.60. jan-mar/1974. 50p.

SILVA, A.B.B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 188p.

SILVA, A.M.O. **A incidência do Bullying em escolas públicas de Ceilândia – Distrito Federal**. 2006. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, 2006.

SILVA, B. M. **Práticas teatrais na escola**: Histórias sobre processos coletivos de conhecimento em teatro. jul/2010. Dissertação (Mestre em Artes Cênicas) – Instituto de Artes Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2010.

SOUZA, J. B. **A criação e manipulação de bonecos no processo de aprendizagem teatral da criança**. 2014. 53 f. Monografia (Curso de teatro – Licenciatura) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2014.

SOUZA, P. S. M; CUNHA, E.F.C. **Bullying nos anos iniciais das escolas públicas: compreender para prevenir**. Ciências Sociais Aplicadas AEMS - Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, v.10, n.1/1. 2013. Disponível em: <[http://www.aems.com.br/conexao/edicaoatual/Sumario-2/downloads/2013/3/1%20\(39\).pdf](http://www.aems.com.br/conexao/edicaoatual/Sumario-2/downloads/2013/3/1%20(39).pdf)>. Acesso em: 20/07/2015.

SZLLAGUI, Dezso. **A Grave responsabilidade do teatro infantil**. Cadernos de Teatro – n. 31. Julho/agosto/setembro de 1965. Publicação trimestral do INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIENCIA E CULTURA (IBECC). Redação – O TABLADO, Rio de Janeiro, Brasil, 1965, p. 03.

APÊNDICE

1. TEATRO DE BONECOS: BULLYING NA ESCOLA

.....

NARRADOR: Boa tarde amigos!

Como vocês estão?

Hoje vamos contar a história de Jonas e Marina...

Jonas e Marina são crianças que foram estudar numa mesma escola em Bagé.

Estão acontecendo coisas muito tristes com eles. Querem saber o que são essas coisas tristes?

Eles não querem ir à escola. Sabem por quê?

Porque eles estão sofrendo bullying?

Vocês sabem o que bullying?

É quando um aluno ou alguns alunos não respeitam um coleguinha da turma ou alguns coleguinhas. Fica colocando apelidos, rindo das coisas que o coleguinha faz, fica fazendo fofocas, ou seja, falando mal do cabelo, da roupa, da família, do jeito de falar, do jeito de andar, ou porque é esperto, ou muito inteligente, ou fica muito caladinho, e muitos outros motivos. Mas essas coisas deixam o coleguinha muito triste, e as vezes o faz chorar, porque gostaria de ser amigo de todos e que o respeitassem pelo o que ele é: com o seu jeito, com o seu tipo de cabelo, com a roupa que veste, com o jeito de falar, que brincassem com ele no recreio, que o chamassem para brincar.

Vocês agora vão saber o que aconteceu com o Jonas e a Marina, prestem muito atenção na história!

JONAS - Oi! Meu nome é Jonas, é o meu primeiro dia de aula, numa escola diferente, porque minha família mora de aluguel e precisávamos mudar de casa, então eu tive que mudar de escola, estudar perto da minha nova casa. Eu estou um pouco nervoso, pois irei conhecer novos amigos e espero que eles gostem de mim...

MARINA – Oi! Meu nome é Marina, é o meu primeiro dia de aula, estou ansiosa para conhecer meus novos amigos. Mudei de escola porque na minha escola anterior tive problemas com algumas amiguinhas que pareciam não gostar muito de mim, pois falavam

mal e não brincavam comigo, isso me deixava muito triste, eu não entendia porque elas falavam mal de mim e não brincavam comigo, foi por isso que minha mãe resolveu me mudar de escola, porque ela também ficou muito triste e eu não quis contar para a minha professora e os adultos da escola, fiquei com medo e com vergonha. Mas agora eu sinto que tudo será diferente, estou muito feliz...

NARRADOR: como vocês perceberam, Jonas e Marina estão muito felizes para começarem a estudar na escola nova, acreditam que farão muitos amigos, mas vejam o que acontecerá! Esse é o primeiro dia de aula para os dois...

O relógio desperta logo cedo, às seis e meia, Jonas levanta e vai logo cumprimentar a mãe:

JONAS: bom dia mãe, como a senhora está?

MÃE DE JONAS: estou bem, meu filho. Toma o teu café e coloque seu uniforme, logo vou te levar à escola.

NARRADOR: então a mãe de Jonas o levou ao primeiro dia de aula na escola nova. Enquanto isso Marina também chegou à escola, levada pelo pai.

PAI DE MARINA: pronto minha filha, chegamos à escola, espero que você fique muito bem. Tenha uma boa aula!

PROFESSORA: bom dia! Hoje temos dois novos amigos: a Marina e o Jonas, sejam bem vindos! Agora vou fazer algumas perguntas de matemática da aula de ontem.

NARRADOR: Marina conseguiu responder a todas as perguntas da professora e devido a isso algumas colegas começaram a sentir raiva, então na hora do recreio duas coleguinhas da turma começaram a falar de Marina:

COLEGA 1: você viu a aluna nova? O quanto ela se acha, ficou respondendo as perguntas da professora o tempo todo, não gostei dela!

COLEGA 2: eu também não gostei dela, achei o cabelo dela horrível. Se ela chegar perto da gente para brincar, eu não vou querer.

NARRADOR: Marina estava no recreio, sozinha, quando uma colega se aproximou e a chamou para brincar.

COLEGA 3: oi, quer brincar comigo?

NARRADOR: Marina ficou muito feliz e prontamente aceitou o convite da nova colega. Mas no outro dia a colega ignorou Marina, não quis mais brincar com ela, porque viu as colegas rirem, falarem mal e ficou com medo de acontecer com ela também. Enquanto isso, Jonas brincava com os colegas de futebol e logo se mostrou muito bom de bola, fez vários gols para o seu time. Mas, assim como aconteceu com Marina, que se mostrou muito boa em matemática, alguns colegas não gostaram de ver o quanto ele era bom no futebol. Logo os colegas tentaram agredi-lo e diziam:

COLEGA 1: não quero você no meu grupo, você não passa a bola, é “fominha”.

COLEGA 2: se ele entrar na brincadeira, eu vou sair.

NARRADOR: Jonas percebeu que por ser bom no futebol, não agradou os colegas, então resolveu sair da brincadeira, e ficar só assistindo. Na volta para a sala de aula, os colegas não quiseram conversar com ele. No outro dia, na sala de aula, os colegas não quiseram saber dos novos alunos, ou seja, as meninas que fizera fofoca de Marina riam quando ela respondia as perguntas da professora e os meninos, que participaram do jogo com Jonas, o ignoraram e não conversaram com ele, chegaram a ameaça-lo caso tentasse jogar com eles no recreio e os outros colegas só assistiam as agressões e as fofocas, mas nada faziam, apesar de não gostarem de ver os colegas sendo tratados daquele jeito. Jonas tentou muitas vezes se aproximar dos alunos, porém foi agredido e xingado. Ele chorou e ficou muito triste, não quis contar à professora o que aconteceu, preferiu o silêncio. Marina, nesse dia, ficou só no recreio e também muito triste. Passaram – se alguns dias eles ficavam cada vez mais desanimados e muitas vezes pediam aos pais para não irem á aula, diziam que estavam se sentindo mal, com dores de cabeça. Na sala de aula Marina não respondia mais as perguntas da professora, que logo começou a desconfiar que estaria acontecendo alguma coisa.

PROFESSORA: Marina! O que está acontecendo com você, pois parece estar muito triste, não responde mais às perguntas que faço?

MARINA: não se preocupe professora, estou bem!

NARRADOR: enquanto isso no recreio, Jonas é novamente agredido pelos colegas, mas desta vez um colega da turma fica muito triste com o que viu e resolve contar para a professora.

COLEGA DE JONAS: professora eu gostaria de dizer que a dias os colegas agredem o Jonas na hora do recreio: xingam, batem e impedem que ele jogue bola com eles.

NARRADOR: a professora então resolve chamar Jonas para uma conversa.

PROFESSORA: Jonas, o que está acontecendo com você na hora do recreio? Fiquei sabendo que colegas da turma estão lhe agredindo.

JONAS: não professora, nada está acontecendo, está tudo tranquilo.

NARRADOR: a professora não ficou convencida e então resolveu falar com a equipe diretiva da escola a respeito de Jonas e Marina, pois acreditava que algo de muito sério estaria acontecendo com os dois. Diante do relato da professora a diretora questionou:

DIRETORA: será que eles estão sendo agredidos pelos colegas?

PROFESSORA: acredito que o Jonas sim, mas e a Marina, o que será que aconteceu, porque ela era uma menina falante na sala de aula e agora só a vejo muito triste, não fala mais nada.

ORIENTADORA: talvez fosse melhor chamar alguns alunos para saber o que de fato está acontecendo.

DIRETORA: quais alunos deveríamos chamar?

ORIENTADORA: vamos chamar o que falou para a professora das agressões dos colegas em relação ao Jonas.

PROFESSORA: como faremos isso?

ORIENTADORA: você chama o aluno e conversa com ele, pergunta se os colegas agredem o Jonas todos os dias no recreio. E quanto à Marina, que também é a sua preocupação, tente conversar com ela, saber o que está realmente acontecendo.

DIRETORA: depois de falar com eles e se constatar que realmente existe algo de errado acontecendo, vamos chamar todos para uma conversa.

NARRADORA: seguindo os conselhos da equipe diretiva, a professora aproveitou um momento do recreio e pediu para falar com o colega de Jonas, que confirmou tudo, dizendo que Jonas realmente sofria todos os dias agressões dos colegas e que muitas vezes chorava. No outro dia, a professora aproveitou o intervalo e chamou Marina para conversar, no início ela não quis dizer, mas depois confessou que estava muito triste porque algumas colegas não brincavam com ela na hora do recreio, faziam fofocas, a chamavam de metida e riam do cabelo dela. Então a professora confirmou para a diretora e a orientadora que realmente estava

acontecendo algo muito sério com Jonas e Marina. A diretora mandou chamar todos os envolvidos, entre eles: o colega de Jonas que falou com a professora, os agressores de Jonas, Marina, as agressoras de Marina e a colega que não quis mais brincar com ela porque ficou com medo de sofrer agressões também.

DIRETORA: fiquei sabendo de coisas muito feias que estão acontecendo na hora do recreio e que estão deixando Jonas e Marina muito tristes. Alguém pode me dizer o que está acontecendo?

NARRADORA: todos ficam em silêncio, então a orientadora diz:

ORIENTADORA: parece que vocês não querem falar, mas se não falarem e não resolvermos aqui, teremos que chamar os pais para uma conversa.

NARRADOR: os colegas de Jonas e de Marina nada disseram, os agressores falaram que estavam apenas brincando e que não fariam mais aquelas brincadeiras, porém no outro dia continuaram com as brincadeiras e falando mal, estavam com raiva, porque a diretora falou com eles. Em casa, os pais estavam preocupados com a tristeza de Marina e foram à escola para saber o que estava acontecendo, já sabiam que ela poderia estar numa situação ruim na escola. Eles chegam à escola e logo foram falar com a professora:

PAI: bom dia professora! Gostaria de saber se está acontecendo alguma coisa com a Marina na escola, se ela está com problemas para se relacionar com os colegas?

PROFESSORA: bom dia! Algumas colegas fizeram brincadeiras que ela não gostou, mas conversamos com as meninas e tudo se resolveu.

MAE DE MARINA: será que resolveu, percebo muita tristeza na minha filha. Não quero que ela passe novamente pelo o que passou na outra escola, pois as meninas tinham ciúmes da inteligência dela e não queriam chama-la para brincar.

PROFESSORA: vou observar melhor e saber se realmente as coisas se resolveram, qualquer coisa aviso vocês.

NARRADORA: a situação não se resolveu, as alunas intensificaram as fofocas em relação à Marina, ela não se defendia e não contava a ninguém. Os alunos continuaram as agressões em relação a Jonas no recreio, o ameaçava na hora da saída para casa. Um dia ao chegar a casa

com o rosto machucado, a mãe de Jonas ficou preocupada e então ele disse que alguns alunos tinham batido nele. A mãe, muito preocupada foi à escola e procurou a diretora:

MÃE DE JONAS: oi diretora! Quero que saiba que o Jonas fora agredido por alguns alunos da turma, o que a escola fará quanto a isso?

DIRETORA: oi! Eu vou chamar os responsáveis pela agressão e conversar, tentar resolver o problema.

MÃE DE JONAS: vou esperar a senhora me dar um parecer a respeito da resolução do problema.

NARRADORA: Jonas não queria que a mãe tivesse ido lá, pois sabia que os alunos ficariam com muita raiva e bateriam nele, novamente. Foi o que aconteceu, os colegas enfurecidos atacaram Jonas e o machucaram, disseram que se ele contasse alguma coisa a alguém, apanharia muito mais. A diretora e orientadora mais uma vez conversaram com os agressores, que negaram tudo. A professora que estava presente na hora da conversa, disse depois à diretora que as crianças poderiam estar numa situação de Bullying, pois se tratava de algo repetitivo, constante. A diretora sugere:

DIRETORA: vamos trazer alguém para palestrar sobre o Bullying, conheço uma pessoa muito entendida do assunto.

ORIENTADORA: também conheço um advogado que poderia falar algo para os alunos.

PROFESSORA: está certo, vejam o melhor dia para essa palestra, creio que será muito interessante e que eles vão aprender a respeito do Bullying.

NARRADORA: tanto a diretora, quanto a orientadora logo trataram de entrar em contato com os palestrantes, que prontamente aceitaram ir à escola e falar da problemática que envolve o Bullying. Chega, então, o grande dia da palestra. Todos os alunos se reúnem no pátio, enquanto os palestrantes preparam o material.

PRIMEIRO PALESTRANTE: bom dia criançada! Meu nome é...e vim falar com vocês a respeito de algo muito sério, sobre o Bullying escolar. São fofocas, agressões que fazemos contra nossos colegas e que os fazem chorar e ficarem tristes. Muitas pessoas não querem mais ir à escola porque os colegas ficam implicando sem motivos. Não é legal xingar, ou maltratar os colegas, fazer fofocas, tudo isso causa muita tristeza e desespero. Imagina se isso

acontecesse com você, certamente seria muito triste, então não devemos fazer com nossos colegas. E se alguém está passando por isso, deve sempre contar para algum adulto para poder resolver o problema. Não sinta medo ou vergonha é preciso falar a respeito das agressões que você está sofrendo. Agora vou passar a palavra para meu amigo...que é um advogado e entende muito desse assunto.

SEGUNDO PALESTRANTE: oi crianças! Meu nome é...quero reforçar a fala do meu amigo...de que realmente o bullying é algo muito sério e que existe uma lei específica que trata desse assunto (LEI13185/15), então é considerado crime, por isso não se pode fazer esse tipo coisa com os colegas, como: fofocas, xingar, bater, ameaçar.

NARRADOR: todos entenderam o que é o Bullying? Alguém pode vir aqui à frente e falar para todos?

NARRADOR: realmente o bullying é algo muito feio, nós precisamos respeitar nossos colegas, todos nós somos diferentes, com qualidades e defeitos, não importa, o que vale é a importância que cada um tem. Somos uma grande família na escola e como família devemos nos respeitar, nos amar, ajudar os colegas que precisam, convidá-los para brincar. Às vezes um colega não é muito bom no futebol, mas é bom em matemática, outro tem o cabelo diferente do meu, mas o ser diferente de mim é muito legal, porque não precisa ser igual. Espero que vocês tenham entendido, foi muito bom estarmos aqui com vocês. Agora vamos nos levantar e dar um aperto de mão no nosso colega que está ao lado, depois podemos voltar às salas, beijo criançada...

2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Bullying na escola: abordagem e uma proposta de intervenção nos anos iniciais

Pesquisador responsável: Alessandra Moura de Oliveira e Silva

Pesquisadores participantes: Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Telefone celular da pesquisadora para contato: (53) 3240-7261 OU (53) 99511934

O seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que se intitula “ Bullying na escola: abordagem e uma proposta de intervenção nos anos iniciais”, que é um projeto de intervenção com o objetivo de abordar as características do bullying, enfatizando suas causas e consequências. Esse projeto se justifica pelas graves consequências, físicas e psicológicas que esse tipo de conflito pode trazer aos seus envolvidos. O bullying é um fenômeno presente em todo o mundo, ou seja, presente em todas as escolas, não sendo diferente no município de Bagé. Esse projeto de intervenção procurará demonstrar, aos alunos participantes, a nocividade que a prática desse conflito pode acarretar. Por meio deste documento e a qualquer tempo o **Sr./Sr^a/Você** poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação do seu filho (a) a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar que seu filho (a) faça parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

O projeto se constitui em encontros que terão como foco principal o bullying, com: esclarecimentos, exposição de imagens sobre o conflito; amostragem de um filme; jogos sobre o tema; produção de uma peça de teatro; confecção de bonecos para fantoche; apresentações do teatro para a comunidade escolar, exposição do material produzido.

Não se prevê nenhum risco para o seu filho (a), tendo em vista que as informações pessoais, tais como nome, imagem, não serão divulgadas. Quanto aos benefícios, com a proposta desse projeto pretende – se informar sobre a problemática do bullying, e com isso proporcionar que o aluno reconheça ações que possam estar relacionadas ao bullying. A todo

o momento, os alunos participantes, serão acompanhados pela professora-pesquisadora responsável pelo projeto.

Para participar deste estudo o aluno (a) não terá nenhum custo, salvo, materiais recicláveis que ele (a) poderá dispor se tiver disponível e que possa contribuir para a confecção do teatro, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pela pesquisadora.

Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora responsável. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar nomes ou imagens ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

O retorno dos resultados da pesquisa, culminando com os benefícios, poderá ser perceptível, pelos alunos, no decorrer do tempo, quando conseguirem reconhecer se seus atos e os dos colegas, configuram ou não na prática do bullying.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do responsável

Nome da Pesquisadora Responsável: Alessandra Moura de Oliveira e Silva

Assinatura do Pesquisador Responsável

Bagé, RS, _____ de abril de 2016

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unipampa – Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592, Prédio Administrativo – Sala 23, CEP: 97500-970, Uruguaiana – RS. Telefone: (55) 3413 4321 - Ramal 2289 ou ligações a cobrar para 5584541112. E-mail: cep@unipampa.edu.br.

3. ALGUMAS IMAGENS DOS ENCONTROS



Imagem: brincadeira: “tribunal do júri”

Fonte: pesquisadora



Imagem: exposição dos bonecos produzidos pelos alunos.

Fonte: pesquisadora



Imagem: os alunos assistindo à apresentação do teatro.

Fonte: pesquisadora



Imagem: o fim da apresentação com a exposição de parte dos bonecos participantes.

Fonte: pesquisadora

Desenhos produzidos pelos alunos no décimo segundo encontro.

